

Fundação Oswaldo Cruz

Mestrado Profissional em Gestão de C&T em Saúde

Alvaro Funcia Lemme

**Práticas, desafios e perspectivas dos setores envolvidos com a
comunicação em saúde por imagens na Fundação Oswaldo
Cruz: caminhos para o banco de imagens em saúde.**

Dissertação apresentada à Escola Nacional de Saúde Pública como requerimento parcial
para obtenção de grau de mestre em gestão de ciência e tecnologia em saúde.

Orientadora: Brani Rozemberg
Prof^a. Dr^a.

**Rio de Janeiro
2004**

Agradecimentos

À Elena, que com sua grandeza e senso de justiça me ensinou a ter coragem e ser verdadeiro.

À Regina, que com seu carinho e sabedoria popular me mostrou sempre haver uma saída.

Ao Oswaldo, que me ensinou o sentido maior de amizade e saudade.

À Dr^a Brani Rozemberg que com seu jeito manso e resoluto recriou minha esperança na Ciência e foi responsável, com sua competência e orientação, pelo surgimento desse trabalho.

À pequena Elena, que ancorou a minha existência na rota do futuro no momento em que tudo parecia perdido.

À Carla Chaffim, que com seu carinho e fascinante singularidade me ajuda a reconstruir o sentido da vida.

Ao Hayne, retrato combativo dos brasileiros que fazem história, pela amizade e companheirismo de tantos anos.

À professora Maria Auxiliadora, a Dora, por ter destruído certezas e construído as dúvidas que me impulsionaram a enfrentar esse mestrado.

À professora Tânia Celeste, pelo estímulo e permanente encorajamento para alçar novos vãos.

À Márcia Garcia, farol para muitas incertezas, pela capacidade de amalgamar teoria e prática.

A Carlos Gadelha e Cristiane Quental, por ousarem formular e desenvolver de forma competente esse mestrado, apesar de todas as dificuldades.

À Áurea Pitta, que com seu brilho e apoio me ajudou a desenvolver esse trabalho, em momento tão difícil de sua estrada.

À Irene, Celso e Eduardo, por serem a matriz desse imprevisível caminho.

Ao professor Pedro Barbosa, que com seu empreendedorismo, competência, firmeza de atitudes e propósitos e apoio profissional viabilizou a transformação de muitas idéias em realizações concretas.

Resumo

Esse trabalho tem como proposta estudar os onze setores da Fundação Oswaldo Cruz que trabalham com a Comunicação em Saúde por Imagens, através de entrevistas com informantes-chaves, visando identificar suas características, demandas e aspectos críticos. Focaliza as seguintes questões como as mais relevantes: 1) a demanda pelo uso de imagens; 2) os impactos gerados pela incorporação de tecnologias; 3) a relação entre tecnologias e práticas comunicativas e 4) as questões relativas aos direitos autorais, de imagem e conexos. Aponta quatro eixos de discussão dos problemas mais recorrentes e indica alternativas de superação desses problemas, a saber: 1) superar a atuação fragmentada e superposta dos setores da Fundação Oswaldo Cruz que trabalham com Comunicação em Saúde por Imagens, mediante o estabelecimento de uma cultura de projeto e o desenvolvimento de “Guias de Usuários”; 2) estabelecer uma política de atualização tecnológica desses setores, através da constituição de um grupo de trabalho para avaliação de tecnologias para Comunicação em Saúde e da capacitação continuada dos profissionais em tecnologias essenciais a esses setores; 3) estimular a abertura de linhas de pesquisa sobre estudos de recepção e produção de sentidos das mídias desenvolvidas, visando minimizar o desperdício de recursos, inadequação de meios e ineficiência de resultados; 4) como produto tecnológico associado à dissertação, propõe a criação de um Banco de Imagens na área de Saúde. Apresenta propostas concretas de solução para os principais entraves comuns identificados, utilizando a estrutura já instalada e favorecendo a integração das diversas ações e serviços de comunicação da instituição, visando contribuir para consolidação da capacidade da Fiocruz em formular políticas e desenvolver estratégias e produtos de Comunicação em Saúde, com ênfase na comunicação por imagens.

Abstract

This work is a proposal to study Oswaldo Cruz Foundation eleven sectors which deal with Health Communication through Images, by means of interviews with key-informers, aiming to identify their characteristics, demands and critical aspects. It focus the following questions as the most relevant one: 1) the demand on using images; 2) the impact provided by technologies absorption; 3) the relation between technologies and communicative usage and 4) the questions related to copyright, image and link rights. It points to four arguing axis from the most frequent problems and indicates alternate ways to surpass them, nominally: 1) to overcome the fragmented and duplicated performance of Oswaldo Cruz Foundation sectors which deal with Health Communication through Images, by establishing planned demands and developing “Users Guides”; 2) to organize a technological updated policy for those sectors, through the constitution of a working group to evaluate technologies for Health Communication and the professionals permanent empowerment in main technologies for those sectors; 3) to stimulate the opening of research branches on receipt and sense production studies about the produced media, aiming to reduce the resources waste, means impropriety and inefficiency of results; 4) it proposes the generation of a Health Image Bank, as a technological product related to this dissertation. The objective is to formulate concrete solving proposals to the major common obstacles identified, using the resources at hand and stimulating the integration among the various actions and communication services of the institution, trying to contribute to the consolidation of Fiocruz’s capability to formulate policies and to develop strategies and products in Health Communication, based on communication through images.

Sumário

Resumo-----	03
Abstract -----	04
Apresentação-----	06
Introdução-----	07
Referenciais para uma Política Institucional de Comunicação para a Fiocruz	13
Justificativa-----	17
Objetivos da Pesquisa-----	21
Pressupostos Metodológicos-----	22
Procedimentos Metodológicos-----	24
Considerações Éticas-----	27
Resultados Discutidos-----	28
Análise Transversal dos Resultados-----	51
Conclusões e Recomendações -----	61
Condições para Futura Implementação de um Banco de Imagens na Área de Saúde como Produto Associado à Dissertação -----	65
Palavras Finais-----	66
Referências Bibliográficas-----	67
Anexo 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-----	71
Anexo 2 – Roteiro da Entrevista Realizada-----	72

Apresentação

Muitos sonhos são retratos do acaso. Inesperadamente invadem a vida num caleidoscópio que só lentamente se organiza. Aos sete anos, o presente desconhecido: uma câmera fotográfica Unicamatic, fabricada no Paraná, formato “caixote”, que produzia grandes negativos 6 x 9cm. Momentos de família, detalhes do cotidiano, peladas de rua, a paisagem imponente do Museu do Ipiranga, em São Paulo, iam construindo uma arquitetura de impressões. O laboratório fotográfico do japonês, aberto de domingo a domingo, fazia do balcão da rua Bom Pastor um primeiro espaço de revelações. Em preto-e-branco, ao longo de três anos, duas mil imagens contaram histórias do mundo de fora para o olhar inquieto do mundo de dentro.

O mergulho na literatura, Monteiro Lobato, Júlio Verne, Edgar Rice Burroughs (de Tarzan), abriu caminho para o estudo regular, intenso, desde cedo em horário integral. O Colégio de Aplicação da UERJ, “anos de chumbo”, rígida disciplina, o contato aprofundado e exigente com a formação de base. O segundo grau, o preparo para as ciências. Física, química, biologia, matemática, compreendidas desde as suas formulações e história. A expectativa familiar... profissões de “gente”: Medicina, Engenharia, quem sabe Direito. A busca de alternativas levou, pelo caminho da Química, para a Faculdade de Ciências Farmacêuticas, Universidade de São Paulo. Depois a volta ao Rio, UFRJ, entre a Praia Vermelha e o Fundão.

Em paralelo, rapazes inquietos, no dizer de Ana Maria Bahiana (Jornal do Brasil), criavam As Duas Faces da Moeda, grupo multimídia que reunia no palco música, fotografia, cinema, iluminação, áudio e efeitos especiais. Aos vinte anos a ousadia de construir enredos com todas essas linguagens. Planante e Três Atos falavam de mitos e expectativas de vida. Do pequeno teatro em Caxias às salas lotadas do MAM foram três anos criativos e vorazes. O cinema é o sentido da vida.

As faculdades terminavam, tempos de escolha. A Ciência como destino, Mestrado em Produtos Naturais, o Doutorado em Harvard, propostas do diretor. No laboratório, o vulcão de inquietudes. Razão, método, critério, conhecimento. Formulados para que? Utilizados por quem? Distribuídos por quantos? O salto no escuro em busca das razões do imaginário, a fotografia como passaporte. Longos, duros anos de um caminho profissional. Entre Rio e São Paulo, por todo Brasil, audiovisuais, publicidade, Petrobrás, Ipiranga, Nestlé, Brahma, Darcy Ribeiro, Gilberto Gil e Chico Buarque. Visões, gente... muita gente. Pelas lentes, dezenas de milhares de imagens,

cada uma no dizer de Henri Cartier-Bresson, “um instante decisivo”. As percepções esclarecem os sentidos profundos, o caleidoscópio se organiza.

Um ciclo se encerra. As técnicas refinadas, o contra-luz, o high-key, a solarização, embalagens de histórias repetidas. Por que? Para onde, então? O sentido se dissipa, o mercado encolhe. Em 1995, avisa um grande amigo, a Fiocruz abre concurso para fotógrafo. Memórias do passado. Desafios para o futuro. Longos anos de aproximação entre as imagens e a Saúde.

O Mestrado Profissional em Gestão de Ciência e Tecnologia em Saúde lança o desafio de integrar história e conhecimento e propor inovação e soluções. Sem o tempo necessário para investigar profundamente conceitos e referências, para o qual nos faltaria familiaridade e densidade, tentamos vislumbrar saídas e caminhos que colaborassem na aproximação entre Ciência e Sociedade. A aflição permanente entre a gestão da criação no SDE/ENSP, focalizada, sintética e resolutiva e a elaboração conceitual e analítica dessa dissertação pavimentaram a estrada dos últimos dois anos. Esperamos poder contribuir para tempos mais amplos e harmônicos.

Introdução

No cenário brasileiro e mundial as estratégias e políticas setoriais de informação e comunicação localizam-se no centro das possibilidades de mudanças de arquiteturas institucionais de gestão, bem como, na geração de novos produtos e processos. Grande parte das ações no campo da Saúde Pública e no desenvolvimento da ciência e tecnologia para a saúde são iniciadas e estruturadas a partir de práticas nos campos da informação e comunicação; no entanto, esses processos se revelam pouco evidenciados e perceptíveis.

Esse trabalho se organiza como uma tentativa de contribuição à reordenação do uso social do conhecimento científico e tecnológico gerado pela Fundação Oswaldo Cruz, focalizando o discurso social da imagem na Comunicação em Saúde.

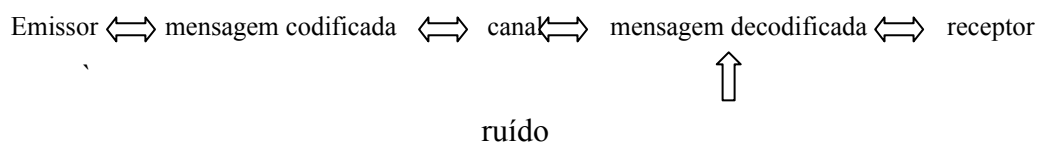
Iniciaremos procurando situar alguns conceitos e pressupostos que servirão como referência para definir o cenário e o estágio atual das principais correntes que debatem os campos da Comunicação, da Comunicação em Saúde e das Tecnologias Aplicadas à Informação e Comunicação.

Comunicação e Saúde são duas áreas complexas e interdisciplinares (Araújo - 1998). Ao se associarem trazem para esse novo campo interdisciplinar a contribuição

de outras disciplinas como: as Ciências Humanas e Sociais, as Ciências Biomédicas, as Artes e as Ciências Tecnológicas. Esse terreno híbrido carrega, ao longo do percurso, tensões, conflitos, acordos, alianças e disputas. É, portanto, um campo em construção de natureza muito complexa. Em geral, as instituições de saúde separam as instâncias de educação e comunicação. A atividade educativa compete a setores muito distanciados daqueles envolvidos com os serviços de Comunicação, geralmente caracterizados como assessorias de imprensa ou de comunicação social. Essa postura acarreta conflitos, gerando grandes dificuldades de associação entre os dois campos, visando estabelecer uma prática comunicativa (Araújo – 1998).

Essa prática comunicativa, atuando em instituições de saúde no Brasil, evidencia a persistência de um modelo que foi introduzido nos anos 50 e 60 e consolidado nos anos de governos militares, que poderia ser descrito como um modelo de Comunicação e Desenvolvimento. Esse modelo afirma que o subdesenvolvimento é consequência da falta de educação da população e de atitudes sociais resistentes ao progresso ou apáticas; define também que esse quadro pode ser alterado através de informações adequadas sobre comportamentos, atitudes, métodos e práticas. A comunicação seria, portanto, condição necessária e suficiente para se atingir o desenvolvimento. Essas idéias mantêm-se de forma subjacente ao planejamento da maior parte das estratégias da Comunicação em Saúde, justificando, por exemplo, o modelo campanhista ou a abordagem da maioria dos materiais educativos em saúde (Araújo – 1998).

A Comunicação para o Desenvolvimento apóia-se no mais clássico de todos os modelos da comunicação, o modelo informacional, condutivista ou transmissional. Esse modelo, que indicaremos a seguir já se disseminou, parecendo natural e indiscutível para a maioria das pessoas:



A construção desse modelo foi elaborada por um físico, Claude Shannon e por um matemático, Warren Weaver; ficou conhecido por Modelo Matemático da Comunicação ou Modelo de Shannon e Weaver. Esse modelo visava otimizar a transferência de informações com a menor distorção possível. Foi inicialmente pensado para máquinas, sendo apropriado nas gerações seguintes como aplicável a toda comunicação humana. As decorrências desse modelo são a construção de uma

sociedade asséptica, onde se identificam dois grupos de atores: o que emite e o que recebe. Outras vozes sociais são entendidas como ruídos indesejáveis e devem ser eliminadas, a bem da boa comunicação. Além disso, configura uma sociedade com instâncias de monopólio da palavra. O sucesso do modelo depende, portanto, da capacidade do emissor codificar sua mensagem de modo compreensível pelo receptor e, por consequência, da capacidade do receptor em decodificar adequadamente a mensagem a ele destinada.

Essa atitude pressupõe uma idéia subjacente, a da imanência do sentido nas palavras, isto é, que elas trazem significados predeterminados. Segundo (Fausto-Neto, 1995) corresponderia à idéia de que a mensagem transmitida geraria um único e só efeito.

Essa idéia conduz as pessoas a acreditarem que caso construam mensagens em códigos compreensíveis pelos receptores estarão produzindo uma boa comunicação (Araújo – 1998). É o que evidencia recente estudo (Rozemberg et al - 2001) entre profissionais de saúde na Fiocruz, que produzem materiais impressos com base em uma visão linear da audiência como grupo indiferenciado que seria atingido por uma mensagem unívoca a qual responderia com a modificação de condutas. Nessa perspectiva se este “público-alvo” fosse atingido o êxito da iniciativa estaria garantido, assegurando a conquista de objetivos preestabelecidos pelos núcleos emissores (Araújo - 1998; Mattelart e Mattelart apud Cardoso – 1999).

Na década de 60 a educação e a comunicação passam a receber influências do modelo dialógico-participativo, de caráter profundamente humanista que propõe relações simétricas, e a igualdade entre técnicos e população como produtores de conhecimento e detentores de saberes fundamentais para a sua promoção econômica, social e política. A influência desta postura política e filosófica, exemplificada pelo educador Paulo Freire, se deu sobre toda uma geração de educadores na América Latina. Essa visão favorece uma ação educativa, que busca a troca de experiências e informações, relatos de histórias de vida, reflexão e problematização, assumindo as experiências cotidianas de vida e de trabalho como fonte de conhecimento e de ação transformadora da realidade (Freire - 1988).

Neste processo, Freire (1988:69) destaca a importância da comunicação: “a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados”.

Entretanto ainda é incipiente a implementação destas propostas traduzidas em práticas ditas comunicacionais no campo da saúde. A força do modelo transmissional, condutivista ou informacional (modelo mecânico da comunicação) relaciona-se segundo Jesús Martín-Barbero com sua origem no Iluminismo do Século XIX. Esse autor, roteirista de cinema, importante pensador e professor de universidades latino-americanas afirma que todo um esquema funcionalista emissor-receptor apóia-se no modelo mecanicista descrito por ele como: “aquele em que não há nem verdadeiros atores e nem verdadeiros intercâmbios” (Barbero, JM-1991).

A idéia de um fluxo informacional monodirecional, pronto e acabado nos leva a uma confusão epistemológica muito grave. Estaríamos confundindo freqüentemente a significação da mensagem com o sentido do processo e o das práticas de comunicação. Essa confusão, para Martín-Barbero, se estabelece pelo grande empobrecimento do sentido dos processos de comunicação na vida das pessoas, reduzido unicamente à compreensão do significado dos textos, das mensagens ou mesmo da linguagem dos meios. Esta visão se sustenta em uma epistemologia condutista, segundo a qual a iniciativa da atividade comunicativa reside exclusivamente no emissor, cabendo ao receptor apenas reagir aos estímulos enviados. A concepção condutista vê a recepção como um lugar de chegada, nunca de partida, abolindo a perspectiva de produção de sentidos pelo receptor.

Esta concepção epistemológica condutista até hoje oculta-se, fundindo-se perversamente com a epistemologia iluminista do século XIX, segundo qual o processo de educação era concebido como um processo de transmissão do conhecimento para quem não conhece. O receptor era “tábua rasa”, apenas um recipiente vazio, alvo dos conhecimentos originados ou produzidos em outro lugar. As duas concepções – condutista e iluminista - compartilham de um mesmo ingrediente: um profundo moralismo. Enxergam o receptor, portanto, como uma vítima, condenado a o que se fizer com ele.

Essa atitude historicamente impregna a memória institucional do campo da saúde e reemerge de várias maneiras nos programas de prevenção primária (Baillie, *et al.* 2000 apud Vasconcellos-Silva *et al.*, 2003). É necessário superar esse mito relacionado ao poder da transferência de informação. Neste sentido, para Rozemberg *et al.* 2001, tanto a prevenção quanto a promoção precisam compreender e problematizar de maneira crítica e aberta a sua relação com os valores e decisões tomadas em contextos sócio-culturais distintos.

Debray (1993) em seu curso de midiologia sugere a idéia de que na física do intercâmbio simbólico, um sistema de informação não vale somente pela informação direta que processa, pelos dados que difunde, mas também por sua eficácia simbólica, ou melhor por sua força material para moldar o pensamento porque sua construção atua também como base material do universo simbólico em saúde, e como qualquer outro artefato é vetor de sensibilidades e matriz de sociabilidades.

Além das questões apontadas sobre a superação da linearidade das relações emissor-receptor, o setor saúde também necessita reconhecer a existência de inúmeros discursos que ocorrem simultaneamente aos que são intencionalmente propostos pelos programas e serviços do campo da saúde. Neste sentido, é necessário também transcender a idéia de comunicação apenas entre “dois pólos”.

Levando em conta a complexidade da comunicação, incluindo aquela atravessada pela mídia, outros modelos de comunicação estão em construção, como o do Mercado Simbólico (Araújo – 1998), em que se aplica o modelo produtivo à prática comunicativa. Cada texto seria visto como um bem simbólico, que seria produzido, negociado, circulado e consumido. Nesse mercado as mercadorias são os sentidos circulantes, buscando-se fazer valer um modo de perceber e classificar o mundo, a sociedade, a prática social e as pessoas. Segundo a autora, almeja-se, portanto, o maior poder de todos, o poder simbólico, buscando fazer ver e fazer crer, exercitando assim o poder de constituir a realidade. Cada pessoa entendida como interlocutor e não como um receptor desenvolve estratégias de participação, buscando modos de negociar seus sentidos (Araújo – 1998).

Autores como Fausto – Neto (1995) Araújo (1995) Pitta (1995) e Rozemberg (1995) apontavam há quase uma década o fato de serem raros os estudos de recepção no campo da saúde, com práticas superficiais e expressões de efeito substituindo o que deveria instituir-se como uma cultura de avaliação que pudesse reorientar os caminhos de seus programas e projetos na direção dos interesses e racionalidades de seus supostos “beneficiários”, ou seja, do sentido produzido pelas ações de saúde. Na linha de pesquisa da comunicação onde se insere a presente dissertação, algumas decorrências de ações calcadas na visão transmissional do saber sanitário para grupos populacionais específicos foram estudadas em relação às endemias (Rozemberg - 1994a e 1995) à implementação de soluções de saneamento (Rozemberg - 1996), a atendimentos médicos e uso de fármacos em áreas rurais (Rozemberg - 1998, Uchoa et al. 2000)

agrotóxicos, entre outros problemas, demonstrando graves decorrências da comunicação *descontextualizada* no universo da experiência dos grupos.

Mais recentemente, os estudos de recepção deixaram de ser assim denominados, uma vez que, como vimos, importa a relação entre interlocutores (esfera da produção e da recepção), bem como, destes com o contexto e não apenas a recepção das mensagens. A questão da *produção de sentido* é central no âmbito da comunicação e dá nome atualmente às suas avaliações, porém independente das denominações que receba, continuam incipientes os esforços avaliativos. Estaremos utilizando nesta dissertação a expressão *pesquisa de recepção* por ser a forma adotada em parte das leituras disponíveis sobre o campo da comunicação e saúde.

Por estarmos procurando desenvolver esta tese no âmbito de um Mestrado Profissional em Gestão de Ciência e Tecnologia em Saúde é oportuno observar que a disseminação de uma tecnologia apropriada socialmente supõe uma ação comunicativa (Araújo -1998). Essa ação costuma ser entendida como um conjunto de procedimentos e de técnicas que podem sensibilizar ou favorecer uma melhor compreensão por parte dos destinatários daquilo que se deseja disseminar. É importante observar a confusão frequentemente feita entre evolução tecnológica dos meios de comunicação e evolução das práticas comunicativas, ressaltando que o uso do vídeo cassete ao invés do audiovisual e da Internet no lugar da cartilha não promovem essa modificação, propiciando, muitas vezes, o aumento no desperdício de recursos utilizados em praticas ineficazes de aparência tão moderna (Araújo - 1998).

Segundo Martín-Barbero, as modalidades de comunicação foram possíveis só na medida em que a tecnologia materializou mudanças que a partir da vida social davam sentido a novas relações e a novos usos. Estamos situando os meios no âmbito das mediações, isto é, em um processo de transformação cultural que não parte e nem termina neles, mas com eles (Barbero, JM apud Paulino – 2001).

Outra dimensão da incorporação de tecnologia diz respeito à velocidade das mudanças produzidas sobre a estrutura do trabalho. Para Pierre Veltz (1986) as normas “taylorianas” centradas sobre a dupla homem-máquina, numa correspondência bastante forte entre o tempo humano e o tempo máquina, gerando uma compatibilidade que relaciona o tempo humano ao custo do trabalho direto são fundamentalmente inadaptadas à gestão de uma situação onde o tempo humano de execução torna-se ao mesmo tempo secundário e desconectado do tempo máquina e no qual o principal

desafio assenta-se sobre a taxa de engajamento das máquinas, a redução das panes e o controle de imprevistos (Machado – 2003).

Outro aspecto que deve ser considerado é a inter-relação entre escolha tecnológica e destino social das inovações. Uma inovação que tem êxito realiza o conjunto das hipóteses sobre as quais seu desenvolvimento se apoiou e atribui, naturalizando-as, propriedades ao mesmo tempo aos dispositivos e aos humanos. É dessa forma que se deve compreender o papel da técnica/tecnologia na fabricação de nossas sociedades, como uma das modalidades pelas quais se redistribuem, de maneira mais ou menos estável, as competências dos humanos entre si e com os não humanos (Machado – 2003).

Estudos mais recentes enfatizam a importância do conhecimento tácito como especificidade cultural e organizacional para inovação e desenvolvimento tecnológicos, bem como, a necessidade de compreender e valorizar as redes e arranjos inovativos locais. Nenhum motor externo, nenhuma grande causa unívoca pode dar conta do desenvolvimento tecnológico ou em outras palavras, a diferença entre os fenômenos locais e os fenômenos globais situa-se na extensão diferencial das redes (Machado – 2003). O resultado gerado pela transposição de tecnologias, muitas vezes se converte no estabelecimento de “caixas-pretas”, de difícil manejo e manutenção e com altos custos relativos aos direitos patentários internacionais.

Referenciais para uma Política Institucional de Comunicação para a Fiocruz

A XI e a XII Conferências Nacionais de Saúde reafirmaram que a informação, a comunicação e a educação são componentes imprescindíveis para se alcançar humanização, equidade e qualidade nos serviços de saúde e para consolidar o controle social no âmbito do SUS. Suas deliberações apontam para a necessidade de identificação, formação e fortalecimento de redes de comunicação e informação entre governos e sociedade.

O Plano Quadrienal da Fiocruz 2001/2004 reiterou deliberações do III Congresso Interno da Fiocruz para as áreas de informação e comunicação, que indicam a necessidade de articular esses campos de conhecimento com os macro-processos da Fiocruz. Isso se daria através do desenvolvimento de pesquisas e metodologias de planejamento, gestão e avaliação, levando em conta novos paradigmas e a convergência de plataformas tecnológicas com o objetivo de estabelecer, no menor prazo possível, uma política integrada de produção, distribuição e avaliação do uso social dos produtos

gerados. A idéia é a de otimizar e integrar recursos, abrir interfaces e parcerias nas atividades de Informação, Comunicação e Informática, evitando sua fragmentação e superposição.

O IV Congresso Interno da Fiocruz reafirmou a relevância das deliberações do III Congresso, aprofundando as proposições relativas às linhas mestras que norteassem a formulação e consolidação de uma Política Institucional de Informação e Comunicação na Fiocruz, enfatizando a prioridade à formação de Recursos Humanos em nível técnico e de pós-graduação. É importante ressaltar o reconhecimento do eixo de Informação e Comunicação em Saúde como atividade finalística da Fiocruz, consolidado na assinatura do Estatuto da Fiocruz, após mais de uma década de negociações, em 9 de junho de 2003, pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Os diferentes segmentos que atuam nos setores de saúde e de ciência e tecnologia, em particular, e a sociedade brasileira como um todo, têm apresentado crescentes demandas nos campos da informação e comunicação e cabe a Fiocruz, balizada por esses interesses, construir uma política que “leve em conta as proposições para o setor aprovadas pela Conferência Nacional de Saúde; garanta um espaço privilegiado para o livre debate das políticas de saúde e questões da ciência e da tecnologia, tratando o direito à informação e o papel mediador da comunicação como uma questão de direito de cidadania”. (CICT/Fiocruz – 1997).

O I Seminário Nacional de Informação realizado na Fiocruz em 2000 constatou que o grande avanço das TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação) nas últimas décadas coexiste com a ampliação e diversificação das desigualdades sociais, configurando processos denominados de exclusão digital (digital divide) que emolduram processos ainda maiores de divisão do conhecimento (learning divide), aprofundando a apropriação e uso excludentes das TIC e dos conhecimentos por elas gerados entre as nações e no interior de cada uma, entre regiões geográficas, grupos e classes sociais (Fiocruz, 2000).

O contexto descrito aponta para a necessidade de uma visão de comunicação em saúde que não fique reduzida às suas tecnologias e à sua instrumentalidade. Comunicação envolve, portanto, grandes fluxos de informação e discursos que concorram para a construção e transformação de sentidos sociais a partir dos processos de divulgação científica e do uso dos meios e tecnologias – imprensa escrita, rádio, televisão, internet – para informar sobre ciência e tecnologia em saúde, não se reduzindo, porém, a nenhum desses meios. Buscamos, então, a partir desses pontos de

vista, encontrar alternativas para superar o esquema funcionalista de emissor-receptor em direção à dimensão mais complexa da busca do diálogo e da interlocução inerente ao processo social e cultural, articulado com outros campos de conhecimento/ação, como o da educação, da promoção à saúde e da popularização da ciência, compartilhados e mediados pelos meios de comunicação, mas não determinados apenas por eles. Ainda que haja tal propósito e ações neste sentido, a efetiva implementação de uma proposta contra-hegemônica é um assunto delicado, que requer pesquisas de avaliação.

Esse cenário demanda da política de comunicação da Fiocruz atuar em frentes diversificadas, tanto em relação aos públicos a alcançar, quanto às tecnologias a utilizar. Nesse sentido a presente proposta de investigação focalizará a utilização de imagens para a elaboração de novas sintaxes e suas contribuições às práticas de comunicação.

Um programa da Fiocruz para este campo consiste no desafio de buscar sinergia e racionalidade de ações, ser uma política pública comprometida com o desenvolvimento científico e tecnológico nacional, fortalecer a cidadania e a superação das desigualdades sociais que marcam a sociedade brasileira, no que diz respeito à informação, à educação e à liberdade de expressão. Deve-se buscar, portanto a equidade no que se refere às possibilidades de comunicação e protagonismo na construção de políticas, estratégias e sentidos sociais.

Algumas realizações da Fiocruz nesta área se tornaram referências nacionais e internacionais, como os programas RADIS e Canal Saúde, entre outros. Ao invés de endossar ou priorizar campanhas pontuais e caras sobre temas de saúde na mídia ou incorrer na promoção pessoal de dirigentes, como ainda é bastante comum na comunicação oficial de governos, o diferencial dos processos comunicativos da Fiocruz deve procurar pautar-se pela interlocução criativa com a sociedade, refinando e aprofundando pesquisas relacionadas com a análise de suas condições de saúde e vida, abrindo espaço para o debate de políticas e inovações tecnológicas nestes campos estratégicos.

Uma mediação fundamental que o conceito abrangente de recepção introduz é a questão das anacronias e das diferentes relações com o tempo. Diferentemente da visão hegemônica, tanto da direita quanto da esquerda, não há só uma direção da história. A concepção progressista da história bloqueou durante muito tempo a compreensão da multiplicidade e da heterogeneidade de temporalidades. Giacomo Marramao, autor

italiano, enfatiza a importância da pluridimensionalidade do tempo histórico, evidenciada mais recentemente pela segmentação gerada a partir da aceleração modernizadora dos tempos atuais. Esse fenômeno pode ser pensado a partir da convivência em toda sociedade de formações culturais arcaicas, residuais e emergentes. As formações culturais arcaicas são aquelas que celebram o passado que já se descolou, em termos de interferências, do tempo presente. As formações culturais residuais dizem respeito àquele passado que está vivo, que se relaciona à forma presente de agirmos, configurando realmente nossa memória como grupo. Quanto a formação cultural emergente, podemos descrevê-la como aquela que almeja o futuro, que rompe, inova e experimenta, interferindo fortemente nas temporalidades das classes sociais. Ao pensarmos arquiteturas comunicacionais devemos abrir mão, portanto, da univocidade do pensamento científico e como questionou Michel Maffesoli nos perguntarmos “O que faz com que as pessoas se juntem? O que faz com que as pessoas se reconheçam? E o que faz com que as pessoas não se juntem e não se reconheçam?” (Maffesoli, M-1990).

A política de comunicação deve abrir caminhos para o aproveitamento e a transformação das práticas existentes de pesquisa e ensino. A meta é a de que respondam a necessidade de desenvolver e consolidar a capacidade de intervenção não só de profissionais de comunicação como dos outros atores em contextos institucionais e sociais, internos e externos, através da incorporação de conhecimentos, contextualização política e inovação tecnológica em Informação e Comunicação. Para tanto é recomendável a ampliação da presença de conteúdos de informação e comunicação nos diversos cursos da Fiocruz, assim como de cursos específicos de especialização e pós-graduação. A Comunicação Social é um dos aspectos mais importantes da área de saúde, verificando-se a passagem de mensagens do saber sanitário para o campo do senso comum sanitário. Por mais sofisticado e paramentado que se tenha travestido, o processo comunicativo continua impositivo, autoritário e comandado pela hegemonia médica.

A acelerada transformação tecnológica, bem como os diversos níveis de reflexão mais crítica e profunda sobre os modelos comunicacionais e as propostas de relação Estado/Sociedade têm gerado descompasso entre a capacidade de formulação e o modo/ritmo de implementação de uma política de comunicação que oriente os projetos, as estratégias e os produtos de informação e comunicação no campo da ciência e tecnologia em saúde na Fiocruz. Este perceptível descompasso pode e deve ser

superado com uma postura de entendimento e abertura à cooperação entre os diversos setores da Instituição que atuam na área, vencendo a fragmentação e favorecendo a articulação. É importante que isso se dê sem centralizar de forma simplificadora ou homogeneizar as experiências, anulando diferenciais desejáveis de segmentos de públicos interlocutores que vão definir os diferentes modos de tratamento e organização da informação, assim como os modos de apropriação e de utilização de tecnologias e veículos.

Diante das questões levantadas, o presente projeto pretende contribuir para o campo da comunicação na Fiocruz, trabalhando em particular no campo das sintaxes visuais ligadas ao conhecimento científico e tecnológico gerado pela Fiocruz. Segundo a bibliografia consultada essa proposta se situa como *crossmedia communication*, termo recorrente nos sites sobre o assunto, sempre referido à utilização cruzada e simultânea de linguagens.

Essa proposta visa: mapear a demanda pela utilização de imagens para comunicação transversal entre ciência e sociedade; conhecer as práticas em andamento de profissionais/setores da Fiocruz que operam imagens estáticas e dinâmicas, analógicas e digitais em suas atividades de comunicação entre pares e com a sociedade; estabelecer estudos preliminares para a estruturação de um banco de imagens na área de saúde.

Justificativa

O discurso científico sobre a saúde, cifrado e tecnicista, tem se revelado inadequado para a comunicação transversal entre os mundos da ciência e da sociedade civil. A desqualificação da experiência e da cultura do cidadão comum como ponto de partida para interlocuções e novos conhecimentos se revela pela ausência, quase absoluta, de dados sobre estratégias de apropriação de mensagens pelos usuários, reforçada por uma visão estereotipada da clientela (Rozemberg et al - 2002). Questões como: o público a quem queremos chegar, bem como, a extensão e qualidade da distribuição dos produtos para a Comunicação em Saúde são raramente levantadas. Não sabemos, portanto, como dimensionar as demandas que chegam à Fiocruz.

Um outro aspecto relevante diz respeito à manutenção de uma prática histórica e antiquada de divisão entre trabalho manual e intelectual, gerando um descolamento do discurso sobre a formulação do processo de comunicação e a pobreza de recursos estéticos, conceituais e técnicos, utilizados na sua implementação. Essa dificuldade

vem sendo por nós constatada no atendimento de demandas da Fiocruz nos últimos sete anos, tanto na coordenação do Serviço de Desenvolvimento Educacional da Escola Nacional de Saúde Pública quanto na participação em fóruns institucionais da Fiocruz de um modo geral.

Um estudo realizado com médicos em hospital da Fiocruz demonstra a demanda pelo trabalho com imagens evidenciando uma expectativa de superação de limites na comunicação com a clientela (Rozemberg et al - 2002). Em geral esses limites são atribuídos à baixa escolaridade dessa clientela mitificando o analfabetismo como barreira de comunicação. O conhecimento do adulto sem escolaridade é por vezes caracterizado como “ausência de conhecimento” por parte dos profissionais. Seria, então, relevante superar as percepções sobre o adulto sem escolaridade, compreendendo-o como possuidor de um “saber cheio” porém diferente, como seria aplicável a um estrangeiro.

O entendimento das possibilidades de uso da imagem na Comunicação em Saúde deve ser ampliado, superando as expectativas apontadas anteriormente. Existem questões mais abrangentes que devem ser consideradas.

Demanda por comunicação audiovisual - Nossa hipótese central se refere à convivência e conflito entre as diversas sintaxes e gramáticas utilizadas nas realidades cotidianas por variados grupos culturais. É interessante notar que vivemos num mundo em que a grande maioria das pessoas foi formada após o surgimento da televisão. Uma importante questão seria refletir sobre a reorganização que está acontecendo quando a maioria das pessoas, que quase não lêem, saem da cultura oral e entram na modernidade por meio das gramáticas do rádio, do cinema e da televisão, e atualmente da Internet. Podemos identificar esse fenômeno de incorporação à modernidade, sem a mediação da ilustração e do livro, a partir das evidências estatísticas de que a imensa maioria das pessoas nunca aprende a ler ou lê muito pouco. Estas novas fragmentações e rearticulações caracterizam um processo em que as pessoas estão, nas palavras de Martín-Barbero, “incorporando-se à modernidade sem deixar a cultura oral” (Barbero, JM-1991).

A familiaridade com uma sintaxe áudio-visual gerada pelas diversas mídias, somaria-se, então, à falta de habilidade do cidadão comum em lidar com a linguagem escrita (Souza et al - 2003). Assim, para além da perspectiva de uma possível incapacidade de lidar com a sintaxe escrita e sua dimensão linear, observa-se a grande

atração despertada por sintaxes audiovisuais, gerando escolhas nesta direção tanto pelo público leigo quanto pela comunidade científica.

Justificar-se-ia desse modo a grande expectativa por parte da comunidade científica em trabalhar com imagens.

Apesar da valorização da linguagem audiovisual, não se opera avanços concretos no sentido da sua utilização nos meios acadêmicos, como verificado entre os profissionais de saúde do estudo realizado em hospital da Fiocruz (Rozemberg et al 2002). Ainda que fortemente valorizado o uso de imagens é ausente, precário e incipiente. Uma hipótese que levantamos neste sentido é a de que isso não se dá ou porque o cientista não se sente preparado para transitar num campo cuja linguagem desconhece, ou porque esta escolha o retiraria de um lugar de excelência, gerando insegurança e apreensão.

Baixa Eficácia de Programas e Campanhas - Estudos quantitativos e qualitativos desenvolvidos por pesquisadores da Fiocruz no CESTE/ENSP, Departamento de Ensino do IOC, Departamento de Comunicação em Saúde do CICT e Museu da Vida/COC, além de Secretarias Estaduais de Saúde e Educação-RJ apontam para baixíssima eficácia de programas e campanhas de promoção à saúde. Isso se dá por baixo estímulo ao desenvolvimento de ações pró-ativas (ações que estimulam o desenvolvimento de outras ações) e pela tentativa de mudanças de hábitos da população sem o reconhecimento da condição subjetiva e social e dos sentidos partilhados dos comportamentos.

Acreditamos que isso se deva a quatro fatores principais:

- apresentação das informações segundo uma lógica hierárquica de conhecimento que segmenta claramente provedores e receptores de conteúdos técnico-científicos, gerando condutas normatizadoras;
- utilização de conteúdos segundo uma linguagem e sintaxe tecnicista;
- desconsideração da diversidade cultural dos lócus de atuação, desprezando os ambientes culturais e relações sociais estabelecidas;
- valorização quase que exclusiva de um gênero de discurso verbal, centralmente recorrente na comunidade acadêmico-científica, mas absolutamente dissociado do padrão de instrução e comunicação da

população em geral, fortemente apoiado em símbolos e signos imagéticos.

Relevante nesse sentido é a afirmação de Habermas, que corajosamente enuncia que a categoria central de uma teoria social crítica já não é mais, hoje em dia, a categoria do trabalho e sim a categoria da comunicação.

Reforçando as hipóteses acima enunciadas observamos a produção de produtos e processos em informação, comunicação e educação em saúde na Fiocruz segundo uma lógica fragmentada e orientada pela oferta de atividades existentes e não pela demanda, que é pouco estudada.

Responsabilização e Gêneros - Além de selecionar a informação que seja de interesse comum, o profissional do campo da comunicação tem o papel de escolher, selecionar e redirecionar informações conforme necessidades coletivas concretas, que devem ser acessadas mediante diversas estratégias de pesquisa e trabalho em grupo, levando em consideração o conhecimento produzido por seus interlocutores, não reduzindo a política nesses campos ao acesso da população ao conhecimento técnico-científico. A população é nosso público, mas ela não quer apenas informações, ela quer se comunicar. Acima de tudo não deseja a informação como substituta às ações e serviços de saúde, obrigando-a a assumir individualmente a responsabilidade por sua situação de saúde. Quando isso ocorre se caracterizam situações de culpabilização dos usuários dos serviços (Rozemberg - 1994; Valla & Holanda - 1998).

Uma instituição de ciência e tecnologia em saúde como a Fiocruz tem compromissos com a geração de conhecimentos, o desenvolvimento de produtos, serviços e processos estratégicos que favoreçam a melhoria da qualidade de vida da população brasileira; o respeito à pluralidade poderia servir como referência para estabelecimento de uma política que incorpore, no seu processo de planejamento e gestão das atividades, o saber popular e a manifestação de populações sujeitas, de forma muito heterogênea, a diferentes riscos e agravos. A sociedade brasileira e suas representações e particularidades em âmbito local, regional e nacional deve ser, portanto, o ponto de partida dos processos de interlocução institucional. É oportuno mencionar a investigação desenvolvida sobre o estudo dos gêneros em comunicação, a história social e cultural desses gêneros. Nesse sentido os gêneros em comunicação se constituem em verdadeiros idiomas, pertencentes as diversas culturas, sendo, portanto, uma estratégia de leitura. Segundo Martín-Barbero “o gênero é um estratagema da

comunicação, completamente enraizado nas diferentes culturas” (Barbero, JM-1991). Só podemos, portanto, entender o sentido dos gêneros em comunicação em termos das transformações culturais na história e dos movimentos sociais. A empatia existente entre os anarquistas andaluzes espanhóis e o melodrama ou entre o cidadão urbano brasileiro e a telenovela exemplificam as relações de gêneros. Desconsiderar essas peculiaridades implica em inviabilizar processos comunicativos. Por isso, as políticas de informação, comunicação e educação da Fiocruz devem contemplar e estimular a troca criativa entre ciência e sociedade.

Objetivos da pesquisa

- *Objetivo geral*

Contribuir para a consolidação da capacidade da Fiocruz de formulação de políticas e desenvolvimento de estratégias e produtos de comunicação em saúde, com ênfase na comunicação por imagens, utilizando a capacidade já instalada e favorecendo a integração das diversas ações e serviços de comunicação da instituição.

- *Objetivos específicos*

- a) Mapear junto aos *Setores que trabalham com Comunicação em Saúde por Imagens na Fiocruz* (SCIF) as formas atuais de produção, distribuição, acesso e remissão de seus serviços e produtos, bem como os mecanismos existentes de avaliação de suas atividades junto aos usuários;
- b) Verificar como os SCIF percebem sua missão e suas práticas comunicativas, analisando de que forma interpretam a interferência das mudanças ligadas ao acesso tecnológico em tais práticas comunicativas;
- c) Avaliar as capacidades instaladas nos campos da comunicação e saúde por imagens das várias unidades da Fiocruz, visando identificar parâmetros para elaboração de uma matriz calcada em habilidades pré-existentes;
- d) Mapear as demandas, recomendações e aspectos críticos dos setores que trabalham com comunicação e saúde por imagens na Fiocruz.

Pressupostos Metodológicos

Ao selecionarmos as abordagens para análise das entrevistas semi-estruturadas qualitativas, julgamos relevante enunciar um conjunto de referenciais metodológicos que norteariam:

- 1) a coleta, sistematização e organização das respostas dos entrevistados e categorias de análise decorrentes;
- 2) a sistematização de propostas relacionadas com o produto tecnológico, objetivo final da tese em questão, um banco de imagens na área da saúde para a Fundação Oswaldo Cruz.

Iniciariamos selecionando um conceito definido, porém abrangente de metodologia: “entendemos metodologia como o caminho e o instrumental próprios de abordagem da realidade” (Minayo - 1998).

Entre as opções de abordagem na pesquisa qualitativa, optamos pela metodologia dialética. Muito além de uma postura ideológica, entendemos esta metodologia como específica das ciências sociais, por ser, segundo Demo, a mais produtiva na análise dos fenômenos históricos. Essa visão se baseia na observação da realidade social e na sua adequação à visão dialética, que possui como principais pressupostos:

1. a contradição e conflito predominando sobre a harmonia e o consenso;
2. o fenômeno da transição, da mudança e do vir-a-ser sobre a estabilidade;
3. o movimento histórico;
4. a totalidade e a unidade dos contrários (Demo-1985).

A opção pela entrevista como forma mais adequada de trabalho de campo obedeceu aos pressupostos enunciados por Kahn e Cannell, que na sua definição de “entrevista de pesquisa” assim a conceituam: “conversa a dois, feita por iniciativa do entrevistador, destinada a fornecer informações pertinentes para um objeto de pesquisa, e entrada (pelo entrevistador) em temas igualmente pertinentes com vistas a este objetivo” (Kahn e Cannell – 1962). Já a escolha por realizar uma entrevista semi-estruturada deve-se a suas principais características. Entendemos entrevista semi-estruturada como aquela que parte de questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, oferecendo, em seguida, amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se obtêm as respostas do informante. Desta forma o informante, seguindo espontaneamente a linha do seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo

investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa (Triviños – 1987). A partir das entrevistas dados de duas naturezas podem ser obtidos: os que se referem a fatos que o pesquisador poderia acessar por outras fontes como censos, estatísticas, etc. e os que se referem diretamente às atitudes, valores e opiniões do indivíduo entrevistado. Essas informações, ao nível mais profundo da realidade, são denominadas pelos cientistas sociais como subjetivas e só podem ser conseguidas com a contribuição dos atores sociais envolvidos (Minayo – 1998).

Na análise do material coletado buscamos a ultrapassar três obstáculos principais: o primeiro é denominado por Bourdieu de “ilusão de transparência”, isto é, o perigo de uma compreensão espontânea, como se o real se mostrasse nitidamente ao observador. Essa “ilusão” torna-se mais perigosa à medida que o pesquisador tenha a impressão de familiaridade com o objeto, conduzindo-o à postura empírica; o segundo obstáculo diz respeito à submissão da pesquisa ao fascínio dos métodos e das técnicas, abandonando o essencial, ou seja, a fidedignidade às significações presentes no material e referidas a relações sociais dinâmicas; o terceiro ponto se refere à dificuldade de se juntarem teorias e conceitos muito abstratos com os dados recolhidos no campo (Bourdieu apud Minayo – 1992).

Buscamos, portanto, ao analisar o produto das entrevistas atingir três objetivos, enunciados por Bardin: o primeiro a ultrapassagem da incerteza, ou seja, se o que percebo nas mensagens está realmente contido nelas, sendo minha leitura válida e generalizável; o segundo o enriquecimento da leitura, ou seja, buscar atingir a compreensão de significações, a descoberta de conteúdos e as estruturas latentes e por último a integração das descobertas, ou seja, perceber a inserção das mensagens num quadro mais amplo de referências da totalidade social da qual fazem parte (Bardin-1979). A análise das entrevistas buscou, portanto, atingir três finalidades complementares: a primeira heurística, propondo-se a uma atitude de busca a partir do material coletado; a segunda de construção de provas, informando ou confirmando hipóteses provisórias e levantando outras; a terceira ampliando a compreensão das significações em seus contextos culturais, ultrapassando, assim, o nível espontâneo das mensagens.

Reforçamos, portanto, a eleição pela pesquisa qualitativa pelas possibilidades que ela fornece de estabelecer uma interpretação da realidade muito mais ampla que aquela circunscrita aos simples dados objetivos (Triviños – 1987). Desta forma, procuramos encontrar e sistematizar conhecimentos singulares e plurais, recorrentes e

subjacentes encontrados na interface de campos multidisciplinares como a Comunicação e a Saúde e a sua apropriação e práxis pelos SCIF, revelando, na medida que nos foi possível alguns dos impactos por eles associados à incorporação das novas TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação) e buscando alicerçar propostas que contribuam para a adequada função social de uma instituição pública e estatal como a Fiocruz, no que tange a reordenação do uso social da imagem.

Procedimentos metodológicos

A amostra selecionada para entrevistas semi-estruturadas qualitativas com olhar e recorte antropológico visou abranger todo universo de unidades, setores, serviços e pesquisadores autônomos envolvidos com a produção, geração ou utilização de imagens em atividades de Comunicação em Saúde.

Essas atividades perpassam os seis eixos estruturantes dos campos de atuação da Fundação Oswaldo Cruz, enunciados no Plano Quadrienal 2001/2004, a saber: pesquisa, ensino, serviços de referência, produção e desenvolvimento tecnológico, comunicação e informação e desenvolvimento institucional. É importante ressaltar que, sem ter a pretensão de ser exaustiva, a amostra procurou ser abrangente o suficiente para não deixar a descoberto nenhuma atividade relevante exercida pela Fiocruz no campo da Comunicação em Saúde por imagens.

As 11 entrevistas realizadas contemplaram os seguintes setores e unidades:

- Coordenadoria de Comunicação Social da Presidência da Fiocruz;
- Laboratório de Tecnologias Educacionais da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio;
- Canal Saúde;
- Centro de Produção e Tratamento de Imagens do Instituto Oswaldo Cruz;
- Projeto Biodigital do Instituto Oswaldo Cruz;
- Departamento de Comunicação e Saúde do Centro de Informação Científica e Tecnológica;
- Departamento de Multimeios do Centro de Informação Científica e Tecnológica;
- Centro de Criação do Museu da Vida da Casa de Oswaldo Cruz;
- Departamento de Arquivo e Preservação de Imagens da Casa de Oswaldo Cruz;
- Projeto Radis da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca;

- Centro de Saúde Escola Germano Sinval Faria, da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca.

Todas as entrevistas foram realizadas pessoalmente pelo autor e tiveram a duração média de uma hora.

Os contatos realizados inicialmente com os coordenadores de cada setor, departamento ou projeto visaram identificar, com precisão, os interlocutores mais qualificados (informantes-chave) que conhecessem as origens, trajetórias, abrangência de atividades e principalmente a atuação no campo da Comunicação em Saúde por imagens.

Além da preocupação ética em localizar os interlocutores respeitando as especificidades e diversidade de visões internas a respeito do tema, houve também o cuidado de expor os objetivos do trabalho com clareza, porém em linhas gerais, evitando fornecer detalhes sobre nossas hipóteses e expectativas do estudo, de modo a não influenciar ou gerar viés nas respostas fornecidas a partir da entrevista. É importante ressaltar que, a despeito de algumas solicitações, o conteúdo da entrevista, comum a todos os entrevistados, era inteiramente desconhecido até o momento de sua realização. Esse processo demandou paciência e atenção aos tempos de respostas dos setores contatados para que fosse possível encontrar os profissionais adequados, com a necessária disponibilidade, sem gerar pressões ou constrangimentos de início. Ao todo foram necessários três meses para que obtivéssemos a concordância de todos os entrevistados. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido exigido pelo Comitê de Ética em Pesquisa da ENSP antecedeu a todas as entrevistas e foi por todos assinado (Anexo 1).

Para melhor estruturar e dimensionar a extensão e abrangência da pesquisa realizamos uma “entrevista piloto” em um setor de porte, fora da Fiocruz, que trabalha com Comunicação em Saúde por imagens. Para tal, foi escolhido o Comitê de Padronização de Impressos do Instituto Nacional do Câncer, no Rio de Janeiro. O fato desta instituição trabalhar com propósitos e finalidades diversos dos da Fiocruz gerou oportunidades para nos atermos apenas à revisão crítica sobre o formato e extensão da entrevista, sem interferência de conteúdos ligados ao ambiente institucional em análise nesta dissertação. Algumas premissas foram reformuladas e a entrevista foi reduzida a 11 perguntas, encadeadas em 4 blocos temáticos (Anexo 2). No primeiro, formado pelas quatro perguntas iniciais, procuramos saber sobre a natureza das demandas por serviços de Comunicação e Saúde por imagem, o perfil dos usuários, suas expectativas e sua

frequência de solicitação; no segundo, formado pelas três perguntas seguintes, procuramos avaliar o nível de acesso tecnológico de produtores e usuários e o impacto que essas tecnologias vêm gerando em termos de práticas comunicativas; no terceiro bloco, formado por duas questões, procuramos investigar o conhecimento e possíveis estratégias dos produtores na obtenção de algum modo de avaliação e de retorno de seus trabalhos por parte dos usuários, bem como as relações das atividades desenvolvidas com o marketing institucional da Fiocruz; no último bloco, formado por duas perguntas, procuramos desvendar as tensões entre expectativas de usuários versus propostas de trabalho dos profissionais, evidenciando avaliações críticas e sugestões sobre processos de trabalho.

Ao iniciarmos as entrevistas nos deparamos com uma constante dificuldade de agendas. Esse fato esteve sempre relacionado à intensa e contínua carga de trabalho dos profissionais identificados, o que se deve à natureza e a crescente expansão das atividades de Comunicação e Informação em Saúde na Fiocruz. Essas atividades surgem, em geral, como demandas de eixos tradicionais da instituição, como a pesquisa e o ensino, expandido-se de forma fragmentada e pouco planejada. Por outro lado, o advento das novas TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação) apoiadas na informática e na micro-eletrônica vem produzindo, a partir dos anos 90, uma acelerada e contínua transformação tecnológica demandando permanente atualização e reestruturação de objetivos, métodos, processos e recursos materiais. Essas transformações vêm gerando permanente aumento de atividades e projetos no campo da Comunicação em Saúde por imagens, nem sempre acompanhadas de maior dotação orçamentária e que geram um aumento da carga de trabalho dos quadros existentes.

Este leque de dificuldades foi o responsável pela marcação e remarcação de quase todas as entrevistas, algumas por seis ou sete vezes. Por isso, as entrevistas iniciadas em outubro de 2003 só puderam ser concluídas no final de janeiro de 2004. As dificuldades de agenda disseram respeito, inclusive, ao próprio autor que pelas atividades que exerce no Serviço de Desenvolvimento Educacional da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca tem um perfil semelhante ao do grupo de entrevistados.

Análise das entrevistas

A construção das categorias de análise decorrentes das entrevistas realizadas ofereceram um vasto leque de possibilidades e abordagens. Isso se deveu em grande parte à riqueza, profundidade e diversidade de conceitos, informações e experiências

relatados. A partir de cada questão foram geradas categorias de análise de respostas. Optamos por organizar essas categorias seqüencialmente, questão por questão, no capítulo de Resultados Comentados, tentando construir um nexos quali-quantitativo que evidenciasse a essência e as confluências existentes em cada pergunta. No capítulo seguinte foram realizadas as avaliações transversais geradas a partir das questões recorrentes encontradas nas nove perguntas iniciais. As respostas às questões 10 e 11 (relato aberto, críticas e sugestões) foram integradas às análises transversais mencionadas. Por apontarem perspectivas de desenvolvimento e suporte ao produto tecnológico proposto, esse capítulo final tem uma natureza propositiva e aberta ao debate das questões institucionais.

Considerações Éticas

Os entrevistados assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido (Anexo 1), em que consta o compromisso em assegurar o sigilo quanto à identificação dos participantes e o conteúdo das respostas. Para isso, foram utilizados números nos questionários, apenas para identificar a qualificação profissional. Os entrevistados se tiveram liberdade para optar pela participação ou não das entrevistas.

Sendo assim, o presente projeto considerou os quatro referenciais básicos da (bio) ética, expressos na resolução número 196/96 do Conselho Nacional de Saúde: autonomia, não maleficência, beneficência e justiça.

Assumimos junto aos entrevistados o compromisso de que os dados e informações coletados seriam utilizados unicamente no âmbito da pesquisa e divulgados, após consentimento dos entrevistados com garantia do sigilo necessário a suas identidades, através de relatórios ou artigos científicos de responsabilidade dos pesquisadores envolvidos, exclusivamente no intuito de contribuir para o debate e avanço do conhecimento/operacionalização das questões alvo desta investigação.

Considerando-se as especificidades do Projeto e o compromisso aqui expresso, podemos afirmar que os riscos gerados foram bastante reduzidos. Já os benefícios em termos de geração de conhecimentos para entender e analisar os problemas relacionados à reordenação do uso social do conhecimento científico e tecnológico gerado pela Fundação Oswaldo Cruz, no campo da comunicação em saúde por imagens, estarão contribuindo para a formulação de políticas e desenvolvimento de estratégias e produtos de comunicação em saúde, com ênfase na comunicação por imagens, utilizando a

capacidade instalada na Fiocruz e favorecendo a integração das diversas ações e serviços de comunicação da instituição.

Resultados Discutidos

Situando a relevância atual das unidades e setores da Fiocruz envolvidos na Comunicação em Saúde por Imagens

A expansão das atividades de Comunicação em Saúde por imagens na Fiocruz tem se defrontado com constrangimentos de natureza orçamentária e de pessoal, impondo aos profissionais desta área uma crescente jornada de trabalho. Além disso, as especificidades da área têm conduzido os profissionais à execução de múltiplas tarefas, que vão da concepção à execução de produtos e serviços, da gestão à divulgação, da participação em fóruns internos e externos especializados à produção científico-acadêmica sobre os temas envolvidos.

Procuraremos detalhar e enfatizar, a seguir, a relevância das atividades dos setores compreendidos pela pesquisa. Os setores que trabalham com Comunicação em Saúde por Imagem, na Fiocruz, possuem várias características em comum, ressaltados seus propósitos e especificidades.

Quase todos esses setores foram criados por iniciativa individual dos profissionais desta área ou por gestores receptivos a uma visão de futuro que compreendesse Comunicação em Saúde como eixo transversal essencial à apropriação dos conhecimentos gerados pela Fiocruz pela sociedade civil. Por esse motivo somente na atual presidência a atividade de Comunicação e Informação em Saúde foi entendida como eixo estruturante da missão Fiocruz. Isso explica o fato de que a maioria desses setores não completou ainda 20 anos de existência. Essa origem permite compreender a constante luta por recursos incertos e escassos, gerando permanente ameaça de descontinuidade. Essa trajetória obrigou os setores a selecionar necessidades de seus usuários, bem como valorizar processos e tecnologias criativos. A despeito dessas limitações, a maioria desses setores tornaram-se pioneiros e referências no campo da Comunicação em Saúde, o que vem sendo demonstrado pelos prêmios conquistados. Como exemplo muito representativo podemos citar o Prêmio para Jornalismo em Saúde instituído pela Organização Pan-americana de Saúde (Opas), por ocasião do seu centenário, no ano de 2002.; na ocasião competindo com os principais jornais do país, entre eles O Globo, a Folha de São Paulo e o Estado de São Paulo, o Radis obteve o 2º,

4º, 5º, 6º e 7º lugares na classificação geral com as cinco publicações que inscreveu, produzidas entre julho de 2001 e março de 2002. Alguns desses setores como o Projeto Radis e o Canal Saúde atingem locais onde as próprias atividades da Fundação Oswaldo Cruz ainda não chegam.

A partir da revitalização da Câmara Técnica de Informação, Comunicação e Informática da Vice-Presidência de Desenvolvimento Institucional, Informação e Comunicação da Fiocruz, em 2001, foi retomado um importante canal para construção de uma política institucional de Comunicação e Informação. A Câmara Técnica, que se reúne bi-mensalmente, sob a coordenação do Vice-Presidente de Desenvolvimento Institucional, Informação e Comunicação, foi subdividida em três sub-câmaras, com reuniões quinzenais ou mensais, conforme a pauta de propostas a serem elaboradas. Os trabalhos desenvolvidos evidenciaram a rica possibilidade de incorporar, sob a forma de propostas de política institucional, a experiência na construção e desenvolvimento de atividades no campo da Comunicação em Saúde. As propostas elaboradas e consolidadas foram posteriormente discutidas com os membros das sub-câmaras de Informação e Informática nas reuniões da Câmara Técnica, culminando com a formulação de um livreto intitulado “Política Institucional de Informação e Comunicação para Fiocruz”, encaminhado e aprovado pelo CD-Fiocruz, em dezembro de 2002 e incorporado ao Plano Quadrienal da Fiocruz 2001/2004.

Os profissionais da área de Comunicação em Saúde da Fiocruz vêm ocupando crescentemente importantes espaços em fóruns institucionais internos e externos, contribuindo de forma relevante para formulação de políticas públicas no âmbito dos Ministérios da Saúde, da Ciência e Tecnologia, das Comunicações e da Educação. Alguns desses fóruns mais relevantes devem ser citados:

- 1) Portal Fiocruz, ambicioso projeto voltado para uma política de gestão do conhecimento e web-administração;
- 2) Programa de Desenvolvimento Tecnológico em Saúde Pública (PDTSP), que visa integrar pesquisa e desenvolvimento tecnológico na geração de produtos inovadores para o SUS;
- 3) Conferências Nacionais de Saúde, cujas coordenações e relatorias no eixo de Comunicação e Informação em Saúde têm sido sistematicamente ocupadas por profissionais convidados da Fiocruz;
- 4) Fóruns de Educação Científica desenvolvidos a partir de museus científicos interativos;

- 5) Projeto de TV Interativa Digital, desenvolvido pelo Ministério das Comunicações, que visa criar novas perspectivas no campo da educação e massificar a Internet;
- 6) Projeto de coleções de imagens científicas digitais (Projeto Biodigital), desenvolvido em parceria com a Fundação Portinari, pioneiro no mundo em sua abrangência e potencialidade como ferramenta de pesquisa e educação científica;
- 7) Projeto Pró-Formar, encomendado pela Funasa, que visa qualificar 65.000 alunos, em todo país, utilizando imagens como parte fundamental do processo pedagógico.

Pautas: Demandas e autonomia

Na primeira questão da entrevista, buscamos verificar de que modo são construídas as pautas dos SCIF. Enquanto cinco setores possuem grande autonomia para gerar pautas, apenas dois setores da Fiocruz trabalham fundamentalmente segundo demandas externas. Identificamos também a existência de quatro setores que geram produtos ou serviços segundo ambas as formas de atuação. Nos setores onde coexistem demanda externa e autonomia para gerar pautas verificamos uma espécie de transição em que a autonomia ainda é pequena e corresponde a uma modificação recente no processo de trabalho.

É interessante observar que a autonomia de trabalho aumenta à medida que o planejamento de produção se faz de forma a integrar várias etapas do processo desde a sua concepção. Em alguns casos a demanda externa pode ser identificada como demanda de outras instituições na área de saúde à Fiocruz. Em outros casos, a autonomia para gerar pautas se consolida proporcionalmente ao grau de especialização ou segmentação do conhecimento por parte do profissional responsável. A autonomia para gerar pautas se caracteriza pela construção de um projeto integrado que vai desde a concepção em oficinas coletivas, passando pela seleção de linguagens e tecnologias e chegando ao formato final do produto, potencializando os propósitos e recursos disponíveis e diminuindo as atribuições e o retrabalho envolvidos. Possui como desvantagem os prazos necessários para a elaboração de uma criação coletiva.

Já os serviços ou produtos solicitados por demanda caracterizam-se pela maior agilidade com que são finalizados. Por outro lado, sofrem todas as decorrências da ausência de planejamento, caracterizando uma “cultura de balcão”; prazos apertados

que reduzem a qualidade da criação, solicitações fragmentadas que impedem a correlação de vários produtos a serem utilizados para o mesmo propósito, desperdício de recursos materiais e financeiros e constantes retrabalhos, gerando stress e desmotivação nos profissionais envolvidos.

É importante notar que tanto a geração de pautas quanto o atendimento por demandas devem ser mantidos, visando responder a diversidade e complexidade dos serviços solicitados aos SCIF. No entanto, o melhor planejamento das atividades, bem como, uma integração mais horizontal com produtores de conteúdos da pesquisa, do ensino e dos serviços de referência podem propiciar maior racionalidade de meios e melhor qualidade final dos produtos.

A face dos usuários

As respostas a segunda questão evidenciaram uma distinção entre usuários de produtos e usuários de serviços, não só pela existência de uma pluralidade de demandantes aos serviços disponibilizados como também pela diferente ênfase de solicitação dos usuários. As categorias de usuários que adotamos nos quadros I e II foram as que encontramos com mais frequência nas descrições de sites e portais existentes na área da saúde (Portal do Ministério da Saúde, por exemplo), sendo utilizadas essas mesmas denominações tanto para usuários de produtos como para usuários de serviços.

Quadro I: Principais usuários dos *produtos gerados*:

Profissionais de Saúde – 04 setores;
População em geral – 03 setores;
Pesquisadores – 02 setores;
Estudantes de 1º e 2º graus – 02 setores

Quadro II: Principais usuários dos *serviços disponibilizados*:

Profissionais de Saúde – 06 setores;
Pesquisadores – 06 setores;
População em geral – 02 setores;
Estudantes de 1º e 2º graus – 01 setor.

Essas respostas evidenciaram que a instituição atende, prioritariamente, aos profissionais de saúde e aos pesquisadores e, em menor escala, aos estudantes e “população em geral”. É curioso notar o quanto a noção elástica de público ainda permeia as práticas comunicativas institucionais. Em praticamente nenhum setor entrevistado foram referidos grupos populacionais específicos, quando da referência à população, exceção feita aos estudantes de 1º e 2º graus.

Além disso, não há entre os demandantes de serviços ou produtos clientes comerciais, o que caracteriza que esse formato de demanda não se aplica ou se aplica de forma não-institucional aos Setores que trabalham com Comunicação em Saúde por Imagens na Fiocruz (SCIF). Esse tipo de usuário se relaciona com outros tipos de produtos ofertados pela Fiocruz, como vacinas, reagentes, medicamentos e cursos de educação a distância, por exemplo.

Destaca-se também nos depoimentos uma tendência mencionada pelos usuários de se concentrarem mais na utilização dos serviços disponibilizados para a geração de produtos novos do que na reutilização de produtos já existentes. Essa tendência é marcante, já que apenas dois dos onze entrevistados sinalizaram práticas de reutilização como ocorre em relação a vídeos:

“setenta e dois por cento dos nossos espectadores usam os programas (anteriormente produzidos) gravados em reuniões, palestras e aulas”;

“nossos usuários são pesquisadores, grupos de pesquisa, escolares e jornalistas”.

Mesmo assim tal reutilização se restringe a demandas individuais, com finalidade específica, sem grande possibilidade de incorporação a outras rotinas institucionais.

A demanda por produtos gerados é claramente segmentada por setor entrevistado, enquanto a demanda por serviços disponibilizados é mais ampla quantitativamente e feita por múltiplos públicos em um mesmo setor. Isso ocorre porque o público para os produtos gerados é mais bem definido e possui interesses bastante segmentados, sendo normalmente trabalhadores ou interessados em Saúde Pública. Entre os profissionais de saúde, usuários dos serviços de um dos SCIF, foi realizada uma pesquisa quantitativa que identificou a faixa etária preponderante entre 25 e 45 anos, seu interesse prioritário por Políticas Públicas e as categorias profissionais mais freqüentes as de enfermeiros e agentes comunitários. Por questões éticas, optamos por não citar o referido setor para não expor limites de confiabilidade.

Já a demanda por serviços disponibilizados evidencia a superposição de atividades exercidas pelos SCIF, nas várias unidades da Fiocruz, fruto de sua origem fragmentada. Apenas para exemplificar um dos muitos casos de superposição citamos que a Coordenadoria de Comunicação Social da Presidência da Fiocruz recebe a mesma demanda que o Projeto Biodigital do Instituto Oswaldo Cruz relativamente à disponibilização de imagens científicas. A ausência de interlocução institucional entre esses setores impede uma segmentação com especialização, uma visão do conjunto das possibilidades oferecidas, bem como, favorece a busca por serviços técnicos, segundo o grau de relacionamento pessoal entre os atores envolvidos. A dificuldade de uma maior integração institucional retarda também a discussão e o estabelecimento da escala e escopo de serviços adequados a cada unidade, a toda Fiocruz, bem como, ao estabelecimento de parcerias público-público entre a Fiocruz e outras instituições com recursos e demandas semelhantes. Os impactos decorrentes revelam-se sobre a capacidade de financiamento e atualização tecnológica dos diversos SCIF, como veremos na seção de Análise Transversal de Resultados.

Demanda dos usuários por imagens

Em relação a questão 3, as respostas evidenciaram que os SCIF parecem perceber ou inferir uma razoável diversidade de motivações por parte dos usuários. Procuramos selecionar todas as informações relevantes, indicando o número de setores que se identifica com cada uma dessas motivações por eles apontadas.

Quadro III: Expectativa dos usuários para a demanda que apresentam aos setores, segundo os entrevistados:

<p><i>Imagem como parte do processo educativo</i> Utilizar imagem como instrumento mobilizador em programas e ações de saúde – 04 setores; / Facilitar significativamente a compreensão dos conteúdos de cursos – 02 setores; / Constituição de acervo do usuário em vídeo para Comunicação e Educação em Saúde – 01 setor.</p>	<p><i>Total:</i> 07 setores</p>
<p><i>Qualidade de imagem</i> Obter imagens de alta qualidade geradas por profissionais – 04 setores.</p>	<p>04 setores</p>

<i>Imagens da Fiocruz</i>	
Fatos passados – 02 setores; / Fatos contemporâneos – 01 setor.	03 setores
<i>Geração de Imagem Conceitual</i>	
Geração de um conceito a partir de uma idéia contemporânea, que envolva criação ou produção de imagens – 02 setores; / Expressar uma diversidade de significados procurados, gerando uma imagem conceitual – 01 setor.	03 setores
<i>Imagens na medicina</i>	
Utilizar as imagens como base de diagnósticos diferenciais em medicina – 01 setor.	01 setor

A ausência majoritária de estudos de recepção, que ficou evidente nas respostas a questão seguinte (questão nº 4) faz com que a perspectiva dos produtores dos SCIF sobre cada categoria de resposta acima descrita se apóie centralmente na experiência empírica e na subjetividade dos entrevistados, gerando idealizações ou pressuposições sobre o usuário, evidenciadas nos seguintes trechos das entrevistas:

“entendo que a aprovação ao nosso trabalho se dá pela ausência de críticas ao projeto gráfico” (entrevistado nº 02);

“avalio que eles (usuários) esperam um instrumento mobilizador”, “...a imagem tem a capacidade de produzir verdades”, “...a informação fica muito no campo objetivo” (entrevistado nº 09);

“a imagem permite sair da abstração teórica e ir para o concreto, e do concreto ir para o teórico” (entrevistado nº 11).

É interessante notar a interpretação monodirecional dada ao silêncio dos usuários, entendido como forma de aprovação aos produtos desenvolvidos. Nota-se também desconhecimento de outros propósitos ou motivações que levaram os usuários a não se manifestarem a respeito dos produtos gerados pelos SCIF.

Quantidade e frequência de demandas por serviços com imagens

Em relação ao quantitativo de demandas obtivemos uma confluência de respostas. Procuramos quantificar os setores que forneceram cada uma das respostas sobre a quantidade e frequência de demandas aos SCIF (quadro IV).

Quadro IV: Frequências de demandas por imagens nos SCIF:

Desconhecem a demanda quantitativa por imagens	09 setores
Informou a demanda quantitativa por imagens	01 setor
Inexistem demandas externas por imagens	01 setor

Dentre os setores que informaram a inexistência de levantamentos sobre utilização de imagens em 2003 (09 setores), dois justificaram que o estágio de desenvolvimento do setor não permite ainda tal avaliação.

Entretanto, os nove setores informaram que a demanda é elevada, conforme podemos observar:

“eu não saberia quantificar, mas a demanda é grande” (entrevistado nº 05);

“nós temos muito trabalho, mas eu não saberia te dizer quanto” (entrevistado nº 06);

“a demanda é total, par-e-passo a demanda de trabalho com a respectiva demanda de imagem” (entrevistado nº 07);

“há uma demanda permanente para a imprensa e internamente, a partir das unidades, para os seus próprios veículos de comunicação” (entrevistado nº 08);

“a demanda é gigante! Eu diria até que é uma demanda ignorante.”, “...a demanda ignora as potencialidades e as debilidades do audiovisual” (entrevistado nº 09).

Apenas o SCIF relativo ao entrevistado nº 02 por trabalhar essencialmente com a geração de pautas internas, numa lógica de concepção de projetos, não atende demandas externas por utilização de imagens.

Finalmente, o único setor que conhece o quantitativo de demandas por produção de imagens é o do entrevistado nº 03, que informa ter gerado dez mil cópias de seus produtos, em 2003, com conteúdos relativos a palestras, seminários, aulas inaugurais, oficinas e congressos, além de ter produzido cinco outros materiais por encomenda. As cópias são solicitadas através de catálogo do SCIF ou da Internet; enquanto as novas produções são sempre antecedidas por oficinas, que visam qualificar a demanda, definindo propósitos, recursos, estratégias, linguagens e limites para o alcance do projeto.

Acesso tecnológico (equipamentos e mídias) dos usuários

Quando questionados sobre o que pensam do nível de acesso tecnológico dos usuários (questão nº 05) os SCIF ofereceram respostas que organizamos nas seguintes categorias:

Quadro V: Acesso tecnológico dos usuários:

Baixo nível de acesso tecnológico dos usuários	05 setores
Possuem tecnologia adequada (scanners, computadores e máquinas fotográficas de média complexidade, entre outros)	04 setores
Não souberam informar	02 setores
Os usuários revelam dificuldades em operar as tecnologias disponíveis	01 setor

A resposta mais freqüente dos entrevistados informa que o padrão de acesso tecnológico dos usuários é baixo, o que podemos observar nos depoimentos que se seguem:

“a maior parte do público só tem acesso ao material impresso” (entrevistado nº 02);

“o acesso tecnológico do usuário é precário”, “...cerca de oitenta por cento dos usuários não têm recursos” (entrevistado nº 08);

“acesso tecnológico?Muito baixo”, “...é o público da periferia das grandes cidades... tem baixo poder aquisitivo” (entrevistado nº 09);

“o nível tecnológico é muito baixo”, “...o público são os trabalhadores dos serviços de saúde” (entrevistado nº 11).

Observamos que o baixo acesso tecnológico médio dos usuários pode limitar ou segmentar os formatos de geração de produtos. Ao mesmo tempo, coloca como desafio para os SCIF a formulação de estratégias e a busca de parcerias, visando ampliar a inclusão tecnológica e digital dos usuários para permitir o aumento e a melhoria das interfaces e democratização de produtos e serviços gerados.

A última resposta caracteriza que pelo menos um entrevistado avalia que um tipo de usuário (no caso, o pesquisador) sub-utiliza os recursos tecnológicos disponíveis, por falta de aprofundamento no domínio das técnicas necessárias à otimização do equipamento existente. Segundo o entrevistado, esse fato deve-se em grande parte a acelerada mudança tecnológica que faz o trabalho com imagens ingressar num período que chamaríamos de pós-fotográfico, em que a utilização de conhecimentos relativos a matrizes numéricas será fundamental para decomposição e

remontagem de imagens. Observamos também o refinamento de técnicas relativas à macrofotografia com câmera e à fotomicrografia (fotografia com utilização de microscópio), que envolve conhecimentos aprofundados relativos à iluminação de objetos e em particular a conceitos de óptica física e óptica geométrica.

No entanto, o principal obstáculo percebido pelos SCIF à utilização da imagem na pesquisa encontra-se no campo conceitual. Observemos a citação abaixo:

“o mais difícil é a visão documental dos pesquisadores sobre o uso das imagens” (entrevistado nº 04).

Superar o uso redundante e meramente ilustrativo da imagem científica parece ser o maior desafio. As possibilidades de enquadramento e de composição, bem como, a construção de processos científicos descritos fundamentalmente por imagens ainda são recursos pouco conhecidos e pouco utilizados no ambiente de pesquisa. Essas lacunas vêm sendo alvo de algumas tentativas de superação, como podemos observar no trecho abaixo:

“(o objetivo é) armazenar as melhores (imagens) em um banco de imagens no Ministério da Saúde”, “...essas imagens seriam organizadas em categorias pensadas conceitualmente para permitir seu uso futuro” (entrevistado nº 11).

Resultados obtidos pela incorporação de tecnologia

Na questão nº 06 houve grande diversidade nas respostas relativas a decorrências da incorporação de tecnologia por parte dos SCIF. Verificamos ainda que na nossa própria formulação da questão estava embutida uma “indução”, pois questionamos com mais ênfase sobre os “ganhos” de uma tal incorporação. Observamos também que muitos aspectos levantados se revelaram comuns a vários setores. Um importante desdobramento foi o surgimento de respostas contemplando também *as perdas* ao incorporar tecnologia, questionando a visão linear que associa desenvolvimento tecnológico a benefícios ligados aos modos de produção. Saldanha Machado observa que a tecnologia não é simplesmente um meio para deslocar o trabalho humano em direção à máquina: ela é inseparável de certas formas de organização e de repartição das competências e participa da constituição de saberes e de representações que orientam as decisões dos diferentes atores implicados. Nos encontramos, então, diante de uma lógica que funciona preferencialmente sobre a acoplagem entre hipóteses implícitas incorporadas nas técnicas e também incorporadas nas práticas efetivas dos atores (Machado – 2003).

- *Ganhos obtidos ao incorporar tecnologia*

Os ganhos obtidos ao incorporar tecnologia foram realçados segundo três principais aspectos, cada um deles com seus desdobramentos e nuances.

O principal aspecto realçado diz respeito à agilidade e qualidade na realização dos trabalhos, mencionado por 06 setores, e a possibilidade da geração de economia de recursos, obtida a partir do uso da tecnologia da imagem digital, mencionada por 01 setor. Algumas citações exemplificam a agilidade e a qualidade proporcionadas pelo avanço das tecnologias em imagem, apoiado no desenvolvimento da informática e da micro-eletrônica:

“para fazer um trabalho com pranchas (para publicações científicas) eu levava de dois a três meses há uns dez ou quinze anos”, “...tinha que fotografar, revelar, preparar uma prancha”, “...eram muitas idas e vindas”, “...hoje (2003) marcando horário no nosso laboratório esse trabalho é feito em meio dia” (entrevistado nº 04);

“as mudanças são inexoráveis. Geram mais agilidade e mais qualidade em arte finalização” (entrevistado nº 07);

“a melhoria da qualidade exige ênfase na imagem digital, também por questões de custo”, “...há uma melhoria na identificação da imagem, vinculando-a ao texto científico correto”, “...isso aumenta a qualidade na legenda da imagem”, “...evita principalmente expor a instituição e gera reconhecimento junto à comunidade de pesquisadores” (entrevistado nº 08).

É interessante observar no depoimento do entrevistado nº 08 a assimilação de uma idéia monodirecional, de cunho etnocêntrico, a respeito da compreensão e da leitura da imagem, em que existe implícita a idéia de que todos entendem a mensagem anunciada pela imagem da mesma maneira como seu produtor ou emissor. Esta visão desconsidera, muitas vezes, a especificidade, o grau de informação e o ambiente cultural dos diversos públicos, evidenciando as lacunas relativas à ausência de estudos de recepção. Devemos ressaltar, no entanto, o lugar ocupado pelos SCIF em relação ao conhecimento tido como “correto” produzido pelas ciências, uma vez que seu modo de produção cuida fundamentalmente das questões relativas às linguagens audiovisuais e a formatos e propostas estéticas criativas e que, portanto, pouco participam dos debates e processos de produção das “verdades” científicas (sempre provisórias) que veiculam.

O segundo aspecto ressaltado nas entrevistas diz respeito às mudanças de paradigma dos processos de Comunicação em Saúde por imagens a partir das mudanças

tecnológicas. Segundo os entrevistados, as tecnologias digitais propiciam redesenhar linguagens para Comunicação em Saúde com ênfase no hipertexto, gerando novas soluções gráficas e formatos em imagens digitais. Essa posição foi encontrada no discurso dos entrevistados de dois setores. Destacamos que não consideraram qualquer avaliação da apropriação dessas mudanças por parte da estrutura “receptora” de tais benefícios, centrando-se em sua própria interpretação, enquanto fonte emissora de novas soluções em imagem.

A ênfase na linguagem da hipermídia sofreu extraordinária contribuição com advento da Internet, totalmente estruturada num primeiro momento em arquiteturas de hipertexto, em particular o HTML (Hiper Text Media Language). Como decorrência foi possível a criação de aplicações exclusivas para Internet em mídia digital, tal como disponibilizar áudio e vídeo de uma entrevista, gerar bancos de links e imagens por assuntos e criar aplicativos de interatividade. Tais avanços foram mencionados por três setores. Observemos as citações abaixo:

“o material passou a ser produzido em meio digital”, “...(foram geradas) algumas aplicações exclusivas da Internet”, “...maior número de sites “linkados” a cada matéria”, “...podemos disponibilizar áudio e vídeo de entrevistas”, “...informamos (em meio eletrônico) a pauta do próximo trabalho”, “...aprofundamos a informação, construindo um banco de links por assunto” (entrevistado nº 02);

“entre os ganhos...”, “...a Internet e seus aplicativos de interatividade, TV Digital, a migração de formatos analógicos para formatos digitais de vídeo”, “...Internet exige reflexão e redesenho”, “...atinge-se públicos muito diferenciados, diferente do atual”, “...há uma seleção de linguagens que atenda a dois públicos, de formas diferentes, mantendo a identidade áudio-visual do setor” (entrevistado nº 09).

Observamos nos depoimentos acima o aumento do grau de incerteza a respeito da apropriação pelos diversos públicos dos conteúdos gerados em função da acelerada mudança tecnológica. Coloca-se novamente em questão a necessidade de estudos de recepção ou produção de sentido, que avaliem os impactos dessas mudanças de paradigma.

Segundo um entrevistado, verificamos que as tecnologias digitais de imagem propiciaram também mecanismos de aprofundamento e reflexão, ajudando a repensar os propósitos e objetivos de um trabalho de Comunicação em Saúde por imagens, reduzindo a importância do formalismo e da super valorização da qualidade estética como fim em si, como vemos no depoimento a seguir:

“...TV Digital é uma nova tecnologia de transmissão, veiculação e recepção”, “...o ganho? Maior reavaliação, um olhar diferente”, “...produzir para que, por que, com que objetivo?”, “...isso ajuda a fugir de uma armadilha perigosa, o formalismo”, “...o cuidado para não supervalorizar a forma”, “...o risco da qualidade como fim em si, a ilusão do trabalho bem feito – um vídeo limpo, com os cortes bem feitos, com bons efeitos, as fitas sem drop-out (interrupção), o som sem haming (ruído de base), qual o objetivo?” (entrevistado nº 09).

Ainda que um único entrevistado tenha problematizado a necessidade de utilizar o tempo “economizado” com o auxílio tecnológico para refletir sobre objetivos de sua atividade, julgamos extremamente revelador o debate colocado. Ele anuncia os riscos decorrentes de processos de produção de conhecimentos coletivos e interdisciplinares em que não há isonomia e integração entre saberes. Demonstra por um lado a possibilidade de auto-suficiência e rigor estético por parte dos SCIF, independentemente dos propósitos de seus produtos; por outro lado revela também a dificuldade de proposições desses mesmos SCIF sobre conteúdos científicos, causada pela reiterada desqualificação de outros saberes promovida em parte pela crescente especialização do discurso científico.

O terceiro aspecto evidenciado pela incorporação da tecnologia digital para produção de imagens diz respeito as suas imensas potencialidades, percebidas pelos entrevistados, nos processos de ensino e aprendizado, que se referem a fatores cognitivos, psicológicos e motivacionais relativos ao campo da educação em saúde. A principal possibilidade ressaltada foi a ampliação do acesso do público ao conhecimento científico, utilizando a tecnologia como um canal para aprofundamento de conteúdos e aprendizado, o que foi mencionado por três setores. Observemos os comentários abaixo:

“o ganho é viabilizar o acesso de outros a partir do domínio sobre a montagem de um programa de computação gráfica, com suporte do Projeto x”, “...o Projeto x”, “...informatas catalogaram todas as obras e desenvolveram um software para acesso via Internet, com metodologia simples”, “...permitiu que o Projeto Biodigital se desenvolvesse em um ano”, “...importante foi eleger que parâmetros deveriam ser compartilhados com essas imagens”, “...o grupo já tinha desenvolvido projeto semelhante para Petrobrás”, “...tem experiência em catalogação”, “...sem o parceiro não seria possível desenvolver uma coleção de imagens biodigitais” (entrevistado nº 10);

“a tecnologia tem um pouco de lúdico né, as pessoas gostam de novidade”, “...o processo educativo tem um fim”, “...para utilizar o equipamento (máquina fotográfica digital) precisa entender um pouco do jogo. Ao entender o jogo está aprendendo os conteúdos que estão envolvidos”, “...por exemplo, um mutirão para solucionar o problema de saneamento de uma comunidade”, “...não sabem o que é mutirão”, “...entendem (a partir da produção de imagens) que o mutirão é aquilo para solucionar o problema x, que aprenderam em aula”, “...a tecnologia é um canal para aprofundamento e aprendizado” (entrevistado nº 11);

Grande importância também foi dada à perspectiva de, a partir da incorporação de tecnologia, gerar-se motivação nas discussões sobre Saúde, o que foi ressaltado por dois setores. Algumas citações elucidam o enunciado acima:

“a Fiocruz é uma instituição de pesquisa (em Saúde) que trabalha com áudio-visual”, “...nosso trabalho procura evitar a fetichização do vídeo”, “...o controle dos meios de produção áudio-visual no século XX determinam a nossa compreensão do ambiente”, “...o bom vídeo sobre saúde é aquele exibido no início de um programa de saúde, deve gerar motivação para discussão e não ser uma ilustração” (entrevistado nº 03);

“a tecnologia facilita muito”, “...nós trabalhamos com a mudança do comportamento humano, coisa muito difícil de conseguir”, “...as doenças ligadas ao comportamento são muito difíceis de trabalhar, é preciso muita persistência para avançar”, “...a tecnologia ajuda a consolidar, por aproximações sucessivas, o nível de conhecimento que a população tem, conseguindo mudanças de postura muito interessantes” (entrevistado nº 12).

O depoimento acima evidencia o quanto ainda impregna o fazer estratégico do campo da saúde o modelo transmissional da comunicação, ao qual nos referimos no início deste trabalho, relacionado com a “missão” da modificação do comportamento alheio, que nesse caso deverá ser obtido com a ajuda da tecnologia, como instrumento.

- *Perdas acarretadas ao incorporar tecnologias*

Finalmente, uma segunda tendência observada pelos entrevistados em relação à incorporação de tecnologia diz respeito a perdas acarretadas no transcorrer desse processo. No universo de pelo menos 4 setores foi possível evidenciar esse enfoque.

A principal perda indicada pelos entrevistados informa que os meios digitais geram descontrole e vulnerabilidade quanto ao uso das imagens cedidas, o que foi citado por dois setores:

(a partir da) *“imagem digital”, “...tem o descontrole quanto ao uso da imagem cedida”, “...o direito autoral fica vulnerável”* (entrevistado nº 06);

“no projeto x”, “...os estudos feitos sobre direitos autorais”, “...precisamos cuidar da preservação dos direitos autorais de imagens publicadas”, “...é um processo de aprendizado”, “...essa é a questão mais crítica” (entrevistado nº 10).

Um outro setor realçou que o pouco domínio a respeito das potencialidades das novas tecnologias em imagens gera limitações pela incompreensão da relação entre ganho tecnológico e criação de um produto diferenciado para Comunicação em Saúde, impactando os projetos para educação científica, conforme depoimento abaixo:

“a incorporação de tecnologia deixa a desejar pela incompreensão do valor intangível da imagem institucional da unidade Y”, “...a construção do imaginário sobre nossa unidade Y é tratada como firula”, “...há grande dificuldade de compreender a relação entre tecnologia e criação de um produto diferenciado” (entrevistado nº 05).

A criação sob base tecnológica, segundo outro entrevistado, absorve tanto que limita o tempo de reflexão. A citação a seguir servirá para destrinchar outra crítica feita à incorporação de tecnologia:

“é, a criação sob base tecnológica”, “...a máquina como extensão humana absorve tanto que limita o tempo de reflexão”, “...há uma maior interligação do sistema nervoso com os equipamentos”, “...tem o estresse da atualização tecnológica”, “...é preciso prestar atenção sobre a velocidade de adaptação, o impacto sobre o ser humano” (entrevistado nº 07).

Foi apontada também a questão do desconhecimento sobre a durabilidade das novas bases tecnológicas, como a imagem digital. Observemos o depoimento abaixo:

“para um acervo histórico fotográfico o armazenamento em CD e posteriormente em DVD é incerto”, “...não se sabe quanto à durabilidade”, “...dúvidas quanto ao modo de acondicionamento” (entrevistado nº 06).

Um outro aspecto **não mencionado**, mas abrangente decorrente das perdas geradas pela acelerada modificação tecnológica diz respeito à possibilidade de acirramento do processo de exclusão social, a partir de novas arquiteturas de comunicação, objetivando antigos propósitos. Tal aspecto foi pouco explorado pelos entrevistados que se limitaram às questões mais técnicas da tecnologia.

Assistimos a um conjunto de procedimentos que vem reforçar a mais velha e mais estrutural das divisões sociais, denominada por Giuseppe Richieri de fragmentação do habitat cultural. (Richieri G – 1989). Trata-se da divisão entre os que ascendem de alguma forma ao poder, ou seja, os que têm informações para tomar decisões e a imensa maioria da população para qual os meios de comunicação se dirigem.

Alguns autores, como o investigador catalão Miguel de Moragas Spá, vêm clarificando uma nova compreensão sobre o que os pós modernos chamam de fragmentação ou dispersão do sujeito social, enfatizando que se trata apenas da renovação das mais velhas, tradicionais e estruturais divisões sociais. Ele ressalta principalmente nos países centrais que as novas tecnologias de comunicação – informática, fibra ótica, satélite, banco de dados, entre outros – estão reforçando a divisão entre a informação e a cultura dirigidas para aqueles que tomam decisões na sociedade e outro tipo de informação e de cultura, voltado para o entretenimento das grandes massas. Exemplifica com o fato de atualmente os intelectuais, os executivos e os yuppies verem cada um a sua televisão, envolvendo-se num processo que lhes diz aquilo que realmente interessa para os seus negócios, seus trabalhos ou suas investigações. (Moragas, M – 1985).

Tecnologias e práticas comunicativas

É importante ressaltar que a pergunta de nº 07, a respeito das mudanças das práticas comunicativas a partir da ampliação do acesso tecnológico, resultou em certa perplexidade, dúvidas e questionamentos sobre o seu objetivo exato. Foram prestados esclarecimentos de uma forma padrão para todos os entrevistados, buscando fornecer sempre uma informação sintética de caráter conceitual.

Mais uma vez obtivemos uma diversidade de respostas motivada por alguma variedade na compreensão e apreensão do significado de práticas comunicativas. Do ponto de vista do entrevistador procurávamos sondar se a concepção, desenvolvimento e avaliação das práticas comunicativas dos entrevistados se modificavam à medida que novos recursos tecnológicos para produção, captura e tratamento de imagens eram incorporados. Nesse sentido o adequado desenvolvimento de uma prática comunicativa se conecta profundamente com o conceito, os estudos e a percepção sobre a recepção como forma de interface. Em tese, há todo um conhecimento e um saber do receptor sem o qual a geração de um produto ou serviço não terá êxito. Inúmeros estudos vêm

revelando a importância desses conhecimentos (Orlandi – 1987; Fausto Neto – 1995; Rozemberg - 1995).

Para tanto, temos que assumir toda a densidade e a complexidade do processo de produção, porque boa parte da recepção está de alguma forma não dirigida, porém, organizada e orientada pela produção, tanto em termos tecnológicos quanto em termos estéticos, narrativos e semióticos. Há cada vez mais investigação e saberes sobre as relações entre produção e recepção, conforme descreve Mauro Wolf, teórico e pesquisador italiano (Wolf M – 1988). São escassos, no entanto, os estudos conduzidos neste sentido pelos SCIF, bem como no campo da saúde, que como vimos se dedicam massivamente a produção e, apenas de forma incipiente, a avaliação de suas práticas comunicativas (Fausto Neto – 1995; Rozemberg - 1995; 2002; Araújo - 1995; Cardoso - 1999; Rozemberg et al - 2001; Vasconcellos-Silva et al - 2003).

Neste ponto de nossa entrevista, procuramos selecionar todas as formulações de respostas que traduzissem novos procedimentos incorporados ao processo de trabalho, identificando a quantidade de setores relacionados a cada resposta. Observamos também, que alguns setores identificaram mais de uma mudança relevante gerada pela utilização de recursos tecnológicos.

Nossos resultados apontam que a ausência de familiaridade e reflexões anteriores sobre essa questão foi responsável pelo fato de quatro setores não responderem ou não saberem em que medida o acesso tecnológico alterou suas práticas comunicativas junto aos usuários.

Cinco setores ressaltaram os aspectos eminentemente processuais do acesso às novas tecnologias digitais em imagem. Três deles informaram que a Internet produz mudanças culturais no modo de produção, enfatizando interatividade, usabilidade e atualização contínua, realçando crescentemente a importância da imagem, conforme citações abaixo:

“grandes mudanças culturais”, “...é preciso destacar a interatividade e usabilidade geradas pela Internet”, “...quem escolhe Internet eventualmente cancela outros meios de acesso ao nosso produto”, “...é preciso atualização contínua na Internet”, “...por isso a Internet não faz História” (entrevistado nº 02);

“vivemos um período pós fotográfico”, “...é um sistema híbrido (análogo e digital) chamado Estação Foto CD, desenvolvido pela Kodak”, “...ainda são produzidos 80 bilhões de imagens analógicas por ano” (entrevistado nº 04);

“a Internet gera agilidade, produz notícia próxima do tempo real”, “...é incorporada como ferramenta de pesquisa sobre a Fiocruz”, “...a fotografia e a programação visual sofrem um impulso dado pela Internet”, “...a Internet realçará crescentemente a importância da imagem” (entrevistado nº 08);

“de 2001 em diante”, “...transmissão pela Internet”, “...mal recebida por 90% da equipe”, “...que idéia de jerico!”, “...que idéia maluca!”, “...uma coisa meio escalafobética!”, “...a partir daí a demanda quadruplicou”, “...gerou impacto na equipe pelo aumento do público”, “...ampliou a consciência de”, “...o setor está inserido num universo comunicacional”, “...seu papel (do setor) dentro da Saúde Pública”, “...(o setor) tem um papel nesse universo comunicacional”, “...a repercussão da transmissão pela Internet motivou a intensificação da reflexão sobre o setor”, “...a veiculação obrigou a superação do analfabetismo digital”, (entrevistado nº 09).

Entendemos que seja necessário observar com cautela as novas tecnologias digitais em imagem, entre elas a Internet, para verificarmos, a partir de pesquisas, a qualidade e densidade das informações escritas e visuais veiculadas, bem como buscar evitar a possibilidade de construção de processos comunicacionais sem história, fruto da contínua atualização.

Dois outros setores entenderam que as novas tecnologias digitais em imagem reforçam as perspectivas relativas à educação científica, informando que concretizam-se conceitos científicos abstratos em imagens e modelos animados, enriquecendo os formatos de apresentação. Observemos as citações que se seguem:

“sem dúvidas”, “...a mudança se dá na qualidade, nas soluções e na produtividade”, “...a melhoria na produção gráfica tem no máximo dez anos”, “...o avanço na mídia digital é coisa de cinco anos”, “...assistimos ao surgimento da animação e da modelagem 3D em computador”, “...enriquece-se os formatos de apresentação”, “...concretiza-se conceitos científicos abstratos em modelos animados” (entrevistado nº 05);

“para um aluno seria muito difícil descrever uma lesão, o que ajuda a identificar uma doença”, “...exemplo hanseníase”, “...tem várias formas”, “...difícil de imaginar, mas simples de visualizar”, “...o impacto da imagem é muito maior, gerando uma maior possibilidade de assimilação” (entrevistado nº 12).

Acrescentamos a essas considerações de nossos entrevistados o fato de que a despeito das inúmeras possibilidades geradas pelas tecnologias digitais de imagem para explicitar conceitos abstratos, devemos ficar atentos à pedagogia de formulação de

conceitos científicos, evitando efeitos visuais excessivos e um hiper-realismo tecnológico, que poderia causar mais confusão do que contribuição ao processo educativo.

Dentre os sete setores que responderam a essa questão, quatro deles descreveram, além dos aspectos eminentemente processuais do acesso tecnológico, mudanças mais qualitativas de cunho conceitual, gerencial e pedagógico decorrentes da incorporação de tecnologia.

Dois deles realçaram que ganha-se tempo e meios para planejar ações, resumir processos e conteúdos e testar os produtos junto ao público, conforme citações abaixo:

“gerou agilidade e limpeza no trabalho”, “...propiciando mais tempo para pensar sobre a imagem”, “...há necessidade de respeitar o tempo histórico da imagem, sem retoques excessivos” (entrevistado nº 06);

“ganha-se tempo para planejar as ações”, “...e testar os produtos junto ao público” (entrevistado nº 08).

Outro dois setores enfatizaram que os recursos tecnológicos contemporâneos facilitam os processos comunicativos e pedagógicos, quebrando o formalismo e simplificando o caminho da teoria para a realidade, como observamos nas citações descritas a seguir:

“modificou as práticas comunicativas e pedagógicas!”, *“...facilita o processo pedagógico imensamente”*, *“...sair da sala de aula”*, *“...facilita o caminho do aluno da teoria para a realidade”*, *“...facilita o diálogo com os alunos”*, *“...o trabalho de campo cria laços mais próximos”*, *“...quebra o formalismo”*, *“...com a construção do processo de produção do vídeo, quebra-se barreiras”* (entrevistado nº 11);

“a tecnologia permitiu acurar a capacidade de ser sucinto, de resumir”, *“...na vida moderna o tempo é exíguo, exigindo que se seja sintético”*, *“...numa apresentação num evento científico dispõe-se de quatro minutos”*, *“...deve-se colocar a imagem, contar o caso, os exames que fez e como tratou”*, *“...em quatro minutos”*, *“...a tecnologia muda a forma de apresentar o material, organizar o seu discurso e estruturar a sua pedagogia”*, *“...muda a forma de transmitir o conhecimento sobre uma questão específica”* (entrevistado nº12).

Observamos nas respostas de cunho menos tecnológico algumas redundâncias com questões colocadas em perguntas anteriores. Optamos, no entanto, por manter as descrições acima para evidenciar alguns potenciais de interface com os campos da

Comunicação em Saúde e da Educação Científica, apontando para desdobramentos futuros.

Ainda que referido somente por um entrevistado encontramos um contraponto restritivo ao desenvolvimento de práticas comunicativas. Esse contraponto diz respeito ao fato das ferramentas virtuais aumentarem a velocidade de operação e com isso a possibilidade de busca, experimentação e erro. Segundo ele:

“há uma alteração no método de trabalho”, “...é menos reflexivo”, “...maior possibilidade de busca, experimentação e erro, com as ferramentas virtuais”, “...o conceito de comunicação muda muito”, “...a ferramenta condiciona a estética”, “...os recursos postos em default (padrão) na máquina criam um caldo de cultura”, “...o turbilhão de imagens e de formas tende a uma grande salada”, “...é preciso refinar o produto desejado”, “...filtrar conceitualmente os excessos” (entrevistado nº 07).

Como vimos, a questão central permanece. As relações comunicativas com os públicos do trabalho dos SCIF não foram diretamente problematizadas até este ponto da entrevista. Entendemos que a frase acima mencionada: “refinar o produto desejado” serve para destacar que se trata ainda do desejo apenas do pólo produtor de mensagens (SCIF).

Sobre o produto acabado

A questão nº 08, que trata do processo de busca de produtos desenvolvidos pelos SCIF, apontou para um conjunto de procedimentos descritos no quadro abaixo:

Quadro VI: Caminhos de busca dos produtos desenvolvidos pelos onze setores entrevistados, por parte dos seus usuários:

Agendamento por telefone para solicitação de trabalhos por pesquisadores, professores ou profissionais de saúde	03 setores
Mediante solicitação de outros departamentos da Fiocruz	03 setores
Mediante procura de interessados a partir da organização de mostras ou eventos de apresentação dos produtos gerados	03 setores
Mediante pedidos de assinatura ou de doações de revistas	02 setores
A partir da organização de oficinas para atender a demandas de produção de vídeos	02 setores
Mediante consulta dos interessados ao site do serviço ou setor	02 setores
A partir de acesso por catálogo ou Internet de acervo de vídeos	01 setor
Através de uma sala de consulta, complementada com	01 setor

atendimento pessoal	
O acesso a folders institucionais se dá mediante visitação à Fiocruz	01 setor
Mediante a solicitação de cursos para formação em temas específicos relativos ao campo da saúde	01 setor

Novamente identificamos uma grande variedade de mecanismos de acesso aos produtos e serviços oferecidos; evidencia-se, também, uma diversidade de mecanismos de acesso em um mesmo setor. Observamos que quatro setores são acessados por um único caminho; três setores por dois caminhos; outros três setores por três caminhos diferenciados, apontados no quadro VI.

Após a realização das entrevistas conseguimos construir um mapa abrangente dos modos e processos de busca, que nos permitiu ver vários processos de demanda para um mesmo produto e uma mesma natureza de solicitação de serviço encaminhada a vários setores. Três exemplos podem ser mencionados. No primeiro a demanda por serviços de produção de pranchas para as publicações científicas se faz tanto para o Departamento de Multimeios do CICT quanto para o Centro de Produção e Tratamento de Imagens do IOC; no segundo a demanda por cópias de vídeos se faz tanto para o Departamento de Comunicação em Saúde do CICT quanto para o Canal Saúde; por último podemos relatar a procura por imagens científicas feitas tanto junto à Coordenadoria de Comunicação Social da Presidência quanto ao Projeto Biodigital e ao Centro de Tratamento e Produção de Imagens, ambos do IOC.

Esses fatos apontam para uma baixa interlocução entre os setores, gerando pouca possibilidade de aprimoramento gerencial pela troca de experiências e demonstrando a variedade e complexidade dos setores e profissionais que atuam no campo da Comunicação em Saúde por imagens na Fiocruz.

Destino dos produtos e o marketing institucional

Optamos por desmembrar as informações obtidas na questão nº 09 em dois blocos distintos, que evidenciassem melhor os pontos-de-vista dos entrevistados.

No primeiro bloco observamos as repostas relativas à utilização dos produtos solicitados, verificando que na grande maioria dos setores, **nove ao todo**, não há pesquisa específica, nem mecânica de verificação quantitativa da utilização dos serviços ou produtos gerados. No entanto, a maioria dos setores oferece informações qualitativas sobre os usos dos produtos que desenvolve, como se verifica no quadro VII..

Quadro VII: Utilização qualitativa dos produtos dos SCIF:

Em defesas de teses, monografias, publicações, congressos, revistas, palestras, aulas e portais	04 setores
Exclusivamente para projetos de Educação em Saúde	03 setores
Não detalharam a utilização	02 setores
Em videotecas localizadas nas regiões Sul e Sudeste do Brasil	01 setor
Em livros e exposições, com os devidos créditos	01 setor

Apenas dois setores não detalharam sequer o uso qualitativo de sua produção, pela absoluta ausência de qualquer processo de avaliação.

No segundo bloco de resposta à questão nº 09, trabalhamos especificamente a experiência dos SCIF quanto à utilização dos produtos solicitados para fins de “marketing institucional”. Neste caso foram três os posicionamentos observados.

No primeiro e majoritário, sete setores informaram que os produtos ou serviços gerados são utilizados para fins de marketing institucional da Fiocruz, e que se sentem bastante confortáveis com essa missão, pois junto com o aprimoramento da imagem institucional os entrevistados consideram que esta atuação valoriza também o trabalho dos profissionais envolvidos na sua confecção. Observemos algumas citações:

“o marketing institucional é caracterizado pela promoção do setor”, “...não há ação direta, porém realiza-se promoção institucional positiva” (entrevistado nº 05);

“as imagens carregam a Fiocruz desde a época de Oswaldo Cruz, inclusive” (entrevistado nº 06);

“trabalho caracteriza o marketing institucional”, “...a equipe tem consciência e isso aparece nas produções”, “...o setor tem esse papel de marketing institucional também” (entrevistado nº 09);

“o marketing institucional”, “...forte utilização já realizada pelos nossos produtos da Fiocruz”, “...Produto X, entre outras” (entrevistado nº 10);

“o uso da imagem no processo educativo se caracteriza como marketing institucional da Fiocruz” (entrevistado nº 11);

“a Fiocruz é responsável pela produção nacional de pesquisa científica na área de saúde, estimada em 20% do total”, “...o material deve ser disponibilizado para divulgação científica nacional e internacional, nos limites da ética”, “...não vejo problema da Fiocruz agregar sua logomarca, gerando marketing institucional, pois em

contrapartida gerará respeito”, “...compromisso e seriedade do profissional com o material divulgado”, “...dará também credibilidade ao profissional que gera a imagem” (entrevistado nº 12).

Para o segundo grupo, composto por dois setores, os produtos ou serviços são utilizados para fins de marketing institucional da Fiocruz, trazendo vantagens na demonstração das atividades da instituição e desvantagens no uso da propaganda para fins de promoção de pessoas ou setores. As citações feitas foram:

“os produtos estão inseridos dentro de uma visão ampla do marketing institucional da Fiocruz”, “...faz parte do escopo da construção da imagem institucional, para o bem e para o mal” (entrevistado nº 07);

“boa parte do trabalho produzido é marketing institucional, assumido como tal”, “...o ônus é a propaganda pela propaganda”, “... acho que os bônus existem”, “...marketing é essencial na sociedade moderna”, “...é importante colocar o pensamento da Fiocruz na praça”, “...a exposição pode ser para o bem e para o mal”, “(a exposição é uma) forma da instituição se renovar, quando erra”, “...mostra as contradições da Fiocruz”, “(mostra por exemplo) pensamento da direção versus pensamento dos funcionários”, “(discute se deve-se) combater uma doença com vacina versus o uso da informação e do saneamento (para prevenção) e a sociedade julga”, “...o gasto público é melhor feito hoje em dia e para ser mantido e ampliado é preciso mostrar a sociedade o que vem sendo feito” (entrevistado nº 08).

Os posicionamentos acima descritos traduzem visões setoriais e evidenciam a ausência do aprofundamento na discussão sobre o sentido e o papel do marketing institucional em uma instituição pública e estatal de saúde. Por outro lado, uma política mais claramente formulada de marketing institucional permitiria separar, para os diversos públicos, as mensagens de cunho científico daquelas com o cunho promocional.

O último grupo, formado pelos dois setores restantes, informou que produtos ou serviços não são utilizados para fins de marketing institucional da Fiocruz em nenhuma hipótese. Observemos as citações:

“o setor não é instrumento de marketing institucional da Fiocruz”, “...o produto não objetiva alavancar a imagem da Fiocruz”, “... a Fiocruz só aparece porque é notícia”, “...o setor critica a Fiocruz e o Ministério da Saúde”, ... (possui) aceitação face à credibilidade”, “...autonomia grande e pouco freqüente”, “...grande liberdade editorial” (entrevistado nº 2);

“marketing institucional”, “...de jeito nenhum!”, “...evitamos atender essa demanda”, “...delegamos ao mercado que atende com a rapidez necessária” (entrevistado nº 03).

Os três posicionamentos acima mencionados a respeito do marketing institucional guardam estreita relação com a origem ou o histórico de evolução de cada um dos setores. Os SCIF que se originaram ou que evoluíram mais rapidamente para uma “cultura de projeto”, definiram melhor suas missões e negociaram com mais consistência limites a demandas promocionais de cunho individual ou setorial. Já aqueles que têm na sua trajetória uma característica mais clara de prestadores de serviços, que nomearemos de “cultura de balcão”, ficaram mais sujeitos a injunções de caráter circunstancial. Como desdobramento possível desta dissertação seria interessante o estudo das relações que envolvem as características intrínsecas dos produtos gerados na Fiocruz nos campos da Comunicação e Saúde e os reflexos causados sobre esses produtos a partir do imaginário construído por esta instituição centenária.

Análise Transversal dos Resultados

Procuramos estabelecer nessa seção uma arquitetura de macro-indicações recolhidas a partir de uma análise qualitativa transversal, que identificasse de forma detalhada as grandes questões enunciadas ao longo das nove primeiras perguntas da entrevista. Objetivamos também relacionar os fatores recorrentes entre a grande maioria dos entrevistados e suas descrições, percepções subjetivas, conclusões e recomendações contidas nas duas últimas perguntas. Por sua natureza eminentemente qualitativa e descritiva as questões relativas a tensões entre os campos simbólicos do usuário e do profissional na seleção de imagens, bem como, pontos críticos relativos ao desenvolvimento do trabalho dos profissionais entrevistados, nos permitiram identificar políticas e propostas consentâneas com as expectativas dos SCIF e as necessidades da Fundação Oswaldo Cruz. Descreveremos a seguir os nove eixos propositivos consensuais extraídos da análise das críticas e sugestões dos entrevistados.

1) Características da imagem

O primeiro ponto evidenciado diz respeito às características específicas do uso de imagens para processos de Comunicação em Saúde. Imagens têm como principal referencial na sua construção os requisitos de detalhamento e síntese, possuindo por isso

grande poder de descrição. Isso explica porque o primeiro uso dado às imagens é o de ilustrar. Todos os ciclos pictóricos, como a pintura, a fotografia, o cinema e o vídeo começam como registro e ilustração e só aos poucos se libertam, construindo caminhos para elaboração de suas sintaxes visuais específicas. Essas sintaxes, no entanto, carregam um componente subjetivo e emocional, sendo caracterizadas menos pelos seus aspectos informativos e mais pelo seu poder de comoção, mobilizando sensações e sentimentos e motivando ações. Essas especificidades da Comunicação por Imagens reforçam no produtor de sentidos que as maneja a ausência de objetividade neutra. O principal requerimento do produtor de sentidos por imagens é conferir conceito às imagens que ele produzirá ou utilizará. Observemos em duas das entrevistas realizadas, a explicitação de tais pontos-de-vista, o que não significa que a preocupação com estas questões inexistia para os demais entrevistados (ela esteve presente em pelo menos 4 entrevistas):

“as imagens produzidas (pelos alunos) são vazias de significado, de conteúdo”, “...influência da televisão, talvez”, “...tateando o problema parece ser a massificação das imagens”, “...muitas vezes não conseguem descrever a imagem, explicar o que queriam dizer com elas”, “...a massificação produz muita imagem, com muito pouco conteúdo”, “...as análises das imagens são vazias, não sabem os porquês”, “(esse fato) requer um estudo mais apurado” (entrevistado nº 11);

“o projeto gráfico é parte da comunicação e deve ser gerado de forma integrada com os conteúdos.”, “(procuramos) evitar a distinção entre forma e conteúdo.” (entrevistado nº 02).

Podemos perceber o desafio que representa gerar novas sintaxes que integrem o potencial comunicativo das imagens à linguagem escrita.

2) Conflitos entre as linguagens

O segundo ponto evidenciado diz respeito ao conflito existente entre a linguagem escrita e a visual e as dificuldades de integrar campos de conhecimento apoiados em formatos e modos de produção bastante distintos. Levantamos uma seqüência de citações que problematizam a questão:

“essa tensão é própria dessa relação. Ela sempre existe. É ela que tem que ser administrada permanentemente.”, “...é uma tensão criativa, digamos assim. Necessária, até.”, “...casos os conflitos não sejam resolvidos entre o universo da Saúde

e o universo da produção áudio-visual, eles irão aparecer na tela.”, “...o produto tem que dar conta desse conflito. Esse conflito não pode aparecer lá. Tem que ser resolvido por nós.”, “(trabalhamos com) *Comunicação e Saúde, não Comunicação em Saúde*”, “(procuramos) *pensar a articulação dos Campos. O que é? (esse sistema)*”, “...*sistema sem Comunicação, não é sistema.*” (entrevistado nº 03);

“*o pesquisador possui visão documental da imagem*”, “...*não percebe o texto e o contexto (da imagem)*”, “...*o pesquisador quer centralizar a imagem, desconhece noções de composição*”, “...*a patologia, a ultra-estrutura celular dependem da imagem para avançar*”, (entrevistado nº 04);

“*há um choque de imaginários*”, “...*uma interferência não fundamentada do usuário (desprovida de conhecimentos especializados, empírica) gerando conflitos*”, “...*a argumentação do profissional é apoiada na prática*”, “...*muitas questões relativas ao choque de culturas*”, “(é preciso ter muito) *cuidado com a coerência na geração de produtos*”, “(devemos ter) *cuidados com a imagem e a coerência formal*” (entrevistado nº 05);

“*pouca capacidade de síntese do usuário (na seleção de imagens)*”, “...*muita pesquisa, pouco filtro*”, “(gera) *mais desconforto que tensão*” (entrevistado nº 06);

“*houve diversos casos (de tensão)*”, “(precisava produzir uma) *capa para um livro sobre sociologia*”, “(não tive) *nenhum contato com o autor*”, “(fiz uma) *leitura diagonal e propus um desenho ilustrativo*”, “...*embate com o autor que avaliou o desenho como muito deslocado*”, “...*preferia pintura clássica que desse status ao livro*”, “...*imagem de Goya em desacordo absoluto com o conteúdo*”, “...*após negociação e ajustes, adquirimos uma imagem de um museu alemão, que atendeu dois propósitos: dar status e revelar o tema*”, “...*a cada dois ou três trabalhos, um embate*”, “...*as vezes, ruptura com a arrogância do cliente que se arvora dono da razão e vê o comunicador visual como uma mão hábil a seu serviço*”, “...*razões...?(para a arrogância do usuário), são duas*”, “...*a relação com a hierarquia da instituição ou a titulação acadêmica*” (entrevistado nº 07);

Pelas citações acima já se verifica que do ponto de vista dos SCIF, de maneira geral, tais conflitos têm origem nas limitações e vieses *dos cientistas*. Provavelmente, um estudo da mesma natureza que o presente, mas que entrevistasse os referidos usuários dos SCIF poderia apresentar a perspectiva inversa, *culpabilizando*, por sua vez, as limitações dos comunicadores visuais pelas rupturas e conflitos na produção, o que seria uma análise altamente recomendável e complementar para uma ampla

compreensão do tema em discussão. Por hora localizamos os conflitos tais como percebidos por nossos entrevistados. No depoimento abaixo, o entrevistado vê o valor pedagógico destas diferentes visões e as aproxima, através do trabalho com imagem, envolvendo professores e alunos trabalhadores de serviços de saúde:

“os professores estão mergulhados na teoria, nos conceitos, amarrados aos conceitos, presos ao conceitos”, “...o aluno(trabalhador) traz uma realidade que o conceito não é capaz de compreender”, “...o aluno propõe imagens e locações que não são compreendidas”, “...As imagens devem ter significado para os alunos”, “...os professores têm o domínio de conceitos universais, que possam ajudar na compreensão da realidade”, “(os alunos) tiram fotografias de imagens que os professores não compreendem, gerando tensão. O professor tenta impor a ciência, o conhecimento em oposição à realidade.”, “...ótimo quando (a tensão) acontece, pois se produz um novo conhecimento, fruto da junção entre teoria e realidade”, “...há uma tensão entre linguagens e sintaxes”, “...entre o detentor do conhecimento (pesquisador, cientista) e pessoas na ponta do serviço que lidam com a população(alunos)”, “...grandes diferenças de linguagens”, “...o professor julga estar próximo da realidade, cai na armadilha de achar que está falando a mesma linguagem dos alunos”, “...isso é constantemente derrubado”, “(são) níveis de complexidades diferentes”, “...o trabalhador (aluno) lida com a realidade cotidiana”, “...o choque de linguagens é profundo”, “...(mas a) tensão é bem-vinda”, “...faz ambos os lados refletirem”, “...é uma tentativa de compreensão que enriquece o processo pedagógico” (entrevistado nº 11).

As múltiplas facetas dos conflitos revelados acima, evidenciam um desafio epistemológico complexo que demandará ações de pesquisa, ensino e produção de serviços de caráter multidisciplinar, para que se busque novas alternativas de integração e potencialização de saberes distintos.

3) Internet e imagem

A terceira questão apontada diz respeito às especificidades da arquitetura de informação utilizada para veicular conteúdos na Internet, apoiada no conceito de hipermídia. A segmentação do conteúdo em níveis de complexidade distintos e a possibilidade de articulação, com diversas idéias correlatas de forma muito veloz, exigem reflexão e redesenho das linguagens utilizadas. Por outro lado, o retorno imediato do usuário permite simplificar a organização de um processo de escuta,

viabilizando a correção de rumos ou propostas de forma mais instantânea. A necessidade de uma linguagem mais imediatamente assimilável, bem como a ênfase em informações mais sucintas parece apontar, ainda que de forma preliminar, para uma crescente ênfase no uso de imagens e suas sintaxes como forma de expressão mais compatível com os requisitos desta tecnologia. Observemos as citações abaixo:

“a fotografia e a programação visual sofrem o impulso dado pela Internet”, “...a Internet realçará crescentemente a importância da imagem” (entrevistado nº 08).

Coloca-se portanto o desafio de estruturar novas linguagens e sintaxes para Comunicação entre Ciência e Sociedade, reconfigurando o discurso linear cartesiano e adaptando-o às novas mídias.

4) Banco de Imagens para Comunicação em Saúde

A utilização de imagens estáticas e em movimento foi mencionada como uma necessidade para atender as diversas finalidades e propósitos dos SCIF: da ilustração à documentação, da imagem conceitual à animação 3D, da informação jornalística à representação simbólica. Além disso, as tecnologias digitais permitiram forte incremento na geração de imagens, exacerbando as necessidades de catalogação, armazenamento e remissão a esses arquivos. A título de exemplo, somente um dos SCIF deverá produzir nos próximos dois anos cerca de 3.360.000 imagens, no processo de formação de 70.000 alunos. Algumas citações dos entrevistados evidenciam as demandas por imagens:

“(sentimos a) necessidade de um banco de imagens externo ao setor que facilite a consulta”, “...geramos muitas imagens, a fotografia digital facilita essa produção”, “...o tamanho do arquivo dificultará o acesso sem esse recurso” (entrevistado nº 06);

“a Fiocruz carece de um banco de imagens fotográficas, acessável pelos designers e que serviria a diversas finalidades: educação, saúde e pesquisa”, “...é uma necessidade essencial”(entrevistado nº 07);

“falta um banco de imagens, inclusive para vídeo”, “...muitas imagens (estão) dispersas” (entrevistado nº 11).

A construção de um banco de imagens para área da Saúde demandará um forte esforço de organização, estudos, avaliação tecnológica e considerações de natureza jurídica para viabilizar sua implementação.

5) Direitos Autorais

A questão dos direitos autorais e conexos relativos ao uso de imagens emergiu como questão crítica. A despeito da regulamentação da Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998, que trata de forma detalhada e abrangente da questão dos direitos autorais e de sua ampla implementação entre os profissionais e empresas das diversas mídias – escrita, falada e audiovisual – ainda há pouco conhecimento e uma multiplicidade de interpretações entre os profissionais que atuam em instituições científicas, no campo da Saúde. Esse desconhecimento, que alimenta uma diversidade de pontos-de-vista, pode ser observado nas citações abaixo feitas pelos entrevistados a respeito dos usuários dos seus serviços:

“produtor da imagem julga-se proprietário absoluto”, “...cessão de uso soa como pequena mutilação”, “...por que ceder? Por que disponibilizar? Se essa imagem é fruto do meu trabalho.”, “...grande problema dos veículos de divulgação em geral e da Fundação em particular – o crédito”, “...a Fundação custou a aprender”, “...para cada imagem tem alguém atrás dela”, “...não é só clicar da máquina fotográfica”, “...é uma questão melindrosa a propriedade da imagem”, “...há uma resistência na Fiocruz, por que?”, “...falta de conhecimento, ignorância no sentido lato da palavra, sobre direito autoral”, “...(é necessário) superar a resistência do pesquisador e erro dos profissionais de comunicação quanto ao reconhecimento e crédito”, “...(é preciso estabelecer uma) relação profissional com o direito autoral”, “...a proposta de preservação (do direito autoral) inclui a criação de marca d’água digital”, “...(inclui também) o controle sobre acesso na Internet, evitando burla sobre sistemas de identificação das imagens” (entrevistado nº 10).

As alternativas propostas para solucionar ou minimizar as questões acima descritas incluem a organização de seminários sobre direito autoral, seminários sobre os conceitos e utilização de bens públicos e fóruns para discutir direito autoral e patentes.

6) Superposição e Fragmentação de Atividades

Outro aspecto recorrente entre os SCIF diz respeito ao baixo entrosamento entre setores que geram serviços similares. A criação dos SCIF apoiada em demandas localizadas nas unidades, bem como, a ausência de formulação de políticas institucionais que contribuíssem para uma maior integração ampliou a fragmentação desses serviços, dificultando a construção de escalas e escopos de atividades adequadas

às unidades, à Fiocruz como um todo, bem como, ao estabelecimento de parcerias público-público, que viabilizassem investimentos de maior monta.

A forma de acesso aos SCIF tem se caracterizado por uma demanda por proximidade dos usuários, segundo critérios de conhecimento ou relacionamento pessoal, uma vez que não existe sistematizado uma descrição do conjunto de serviços disponíveis, assim como de mecanismos operacionais de solicitação dessas atividades. A sistematização dessas atividades ajudaria também a compreender melhor as especificidades de modos de produção e saberes distintos. Observemos algumas citações dos entrevistados:

“(nosso setor) não deve ser confundido com um balcão, disponível para o demandante”, “...é preciso organizar a demanda de produção, aprendendo e ensinando” (entrevistado nº 03);

“é necessário melhorar a coordenação para geração de produtos audiovisuais e de design, gerando harmonização entre os setores” (entrevistado nº 05);

“(o que falta) é visão de projeto e tempo necessário para produzi-lo, convivendo com demandas velozes de varejo”, “...quebra-se a harmonia do trabalho”, “...(é necessária) uma integração maior entre os designers de várias unidades, não restrita à espontaneidade dos contatos”, “...em Comunicação o fundamental é a harmonia das pessoas no ambiente trabalho, a confiança mútua e o trabalho em equipe, especialmente em Comunicação Visual” (entrevistado nº 07);

“(é preciso) criar uma agenda de prioridades”, “...(o mais importante é) a seletividade e a qualidade final, (esse é) o principal avanço a médio prazo”, “...fundamental não perder a auto-crítica em Comunicação” (entrevistado nº 08);

“(o maior problema é) o restante da Fiocruz ter entendimento da função do projeto Z”, “...(esse projeto) tem trajetória, demanda tanto dinheiro, tanto esforço, é tão elogiado, deve servir para alguma coisa. Mas serve para que? Falta clareza.” (entrevistado nº 09);

“(vejo) desdobramentos (do uso de imagens) com outras atividades, já que a Fiocruz participa cada vez mais de formas de educação a longa distância” (entrevistado nº 12).

A análise e sistematização das atividades dos SCIF demanda investigação e organização de um conjunto complexo de dados, num grande esforço de desenvolvimento institucional da Fiocruz.

7) Atualização Tecnológica

O acelerado desenvolvimento das TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação) gera grande impacto nos métodos e processos de trabalho dos SCIF. A recorrente mudança de paradigmas impacta a qualidade e a potencialidade do desenvolvimento das atividades de criação. A ausência de uma política estratégica de avaliação, seleção e incorporação tecnológica compromete de forma profunda as possibilidades e o desempenho dos setores que trabalham com Comunicação em Saúde por Imagens reduzindo grandemente a contribuição às áreas de pesquisa, ensino e serviços na Fiocruz. Algumas citações descortinam esse cenário:

“é fundamental a renovação tecnológica”, “...(dependemos de) recursos tecnológicos para difusão da produção (de nosso setor)”, (entrevistado nº 03);

“ (notamos uma grande) velocidade das mudanças no modo de produção do trabalho”, “...há dificuldade de atualização tecnológica”, “...(os entraves são) o custo de importação e a dificuldade de manutenção no Brasil”, “...há entraves burocráticos”, “...é importante aprender a driblar essa situação, ser um Garrincha” (entrevistado nº 04);

“(é necessário ter) permanente capacitação tecnológica e de estudos sobre Comunicação em Saúde”, (entrevistado nº 08);

“(é fundamental ter) adequada infra-estrutura tecnológica de trabalho”, (entrevistado nº 12).

A necessidade de atualização tecnológica precisa ser conciliada com a escassez de recursos de países e instituições do terceiro mundo, o que exige avaliação precisa, cautela quanto aos ciclos de vida das plataformas tecnológicas, e alta seletividade na aquisição, manutenção e substituição de equipamentos e tecnologias.

8) Ausência de Estudos de Recepção

A ausência de estudos de recepção e de avaliação da produção de sentido das atividades realizadas começam a ser detectadas como grandes lacunas a serem enfrentadas e superadas. A inadequação de algumas propostas formuladas pelos SCIF, bem como a falta de conhecimento sobre a diversidade e especificidade dos públicos a que se destinam os produtos gerados contribuem fortemente para ineficiência de alguns projetos, agravada pelo desperdício de recursos, muitas vezes pulverizados em direções incorretas. Algumas citações dos entrevistados manifestam essas preocupações:

“não temos dimensão do usuário”, “...(recentemente produzimos) outdoors no entorno do campus da Fiocruz”, “...(veiculamos) mensagens institucionais”, “...tensão até chegar ao resultado final”, “...(houve) seleção do material e (análise) do tempo de retenção da mensagem”, “...nas primeiras versões os textos eram longos, de servidor da Fiocruz para servidor da Fiocruz”, “...sem dimensão do público externo”, “...as mensagens da Fiocruz são endógenas”, “...esquece-se a eficiência da mensagem”, “...resultado final, as frases são curtíssimas”, “...(houve) alto retorno do usuário”, “...a série histórica evidencia os equívocos iniciais”, “...(é importante) superar o que se pensa ser ideal, mas que muitas vezes passa muito longe do ideal do usuário”, (entrevistado nº 08);

“há dúvidas (dos produtores) sobre a capacidade do espectador entender temas relacionados (ao conceito de saúde)”, “...(acho que) o público externo se sente pequeno diante do setor z”, “...(o público) reclama com a pessoa mais próxima”, “...a mídia audiovisual impõe uma distância ao espectador”, (entrevistado nº 09);

“o fundamental nesse trabalho é se avaliar continuamente”, “...os fatores (a serem avaliados) são a questão ética da mensagem, o desdobramento da mensagem sobre saúde – um fio da navalha entre uma pílula dourada e um efeito danoso”, “...(é preciso construir) instrumentos para auto-avaliação”, (entrevistado nº 08).

Ainda que dois setores tenham já explicitado essa necessidade de investigação junto aos seus públicos, verifica-se ainda uma noção muito elástica de público (também nomeado usuário, espectador, audiência, comunidade, população, cidadão, etc.) conforme alertava Fausto-Neto (1995) para o discurso da comunicação no campo da saúde. Bem como a ausência de preocupações em termos de situação de interlocução como proposto por Pitta, 1995. A ausência de tais preocupações revela a pouca experiência com segmentação de “audiência” e do trabalho participativo de construção e avaliação das propostas com grupos populacionais específicos. Grandes esforços terão que ser desenvolvidos no acoplamento entre o estabelecimento de uma linha de pesquisas de recepção e produção de sentido e as atividades dos SCIF, visando formular alternativas eficazes ao modelo transmissional/informacional de comunicação e alicerçar caminhos para práticas dialógico-participativas, que incluam também a comunicação mediada (mídia).

9) Violência urbana como fator limitante

Embora tenha sido enfatizado por um único setor, o nível endêmico de violência urbana, que atinge as grandes cidades brasileiras, representa um novo desafio e uma forte restrição às atividades de produção de conhecimentos a partir do contato com realidades sociais diversificadas. O assassinato do jornalista Tim Lopes estimulou um corte profundo nas rotinas editoriais de todos os grandes veículos de comunicação no Brasil, no sentido de preservar a integridade física e psicológica dos profissionais. Muito provavelmente a violência urbana maximizará as limitações ao desenvolvimento de trabalhos de campo em áreas mais carentes. Lembramos também que o campus da Fiocruz, no Rio de Janeiro, tem no seu entorno quatro das cinco áreas mais violentas desta cidade, segundo dados da Polícia Civil. Observemos as citações abaixo:

“para produzir imagens estáticas e em movimento, o maior problema é a realidade social, a violência”, “...mesmo sendo conhecidos nas áreas de trabalho os alunos enfrentam muita tensão no uso da máquina fotográfica e da filmadora (custo: mais de R\$20.000,00, incluindo o valor do seguro)”, “...(por exemplo) um produto feito na favela X, em 1999, em tudo quanto é buraco”, “...atualmente(2004) seria impossível entrar na favela X, mesmo com trabalhadores e moradores dali”, “...informações vindas de Recife e Salvador relatam dificuldades dos alunos (trabalhadores) entrarem com máquinas fotográficas nas comunidades (onde moram)” , “...a violência como impedimento de ordem prática, que tem dificultado muito o trabalho” (entrevistado nº 11).

O aumento exponencial da violência social e urbana demanda um forte comprometimento das comunidades científicas e acadêmicas do terceiro mundo com a implementação de seus estudos e proposições, sob pena da exclusão social gerar interferências e impedimentos cada vez mais profundos às atividades meramente conceituais ou intelectuais de mudança social .

Conclusões e Recomendações

As descrições analíticas e interpretações desenvolvidas nas duas últimas seções (Resultados Comentados e Análise Transversal de Resultados) apontam para um conjunto de desafios e necessidades crescentes e estruturais para adequada formulação e reordenação do eixo de Informação e Comunicação em Saúde na Fiocruz. As respostas a esses desafios se tornam cada vez mais relevantes, face à natureza multidisciplinar e transversal dos campos da Comunicação e Saúde e suas articulações com os demais

eixos finalísticos da instituição (pesquisa, ensino, serviços de referência, desenvolvimento tecnológico e desenvolvimento institucional).

Ao selecionarmos tendências e necessidades identificadas como resultado dessa dissertação, não tivemos a pretensão de ser exaustivos, mas sim de **optar por propostas de superação** daqueles que nos pareceram os principais limitantes ao desenvolvimento mais pleno e harmônico das atividades de Comunicação e Saúde na Fiocruz. Evidentemente essa seleção final foi sendo construída articulando as limitações conceituais e epistemológicas contemporâneas mais recorrentes com àquelas de cunho organizacional e operacional, objetivando formular propostas coerentes, consistentes e principalmente factíveis, com a perspectiva de implementação. Destacamos que essa implementação, vinculada ao modo de construir e utilizar a informação, deve respeitar ritmos e formas coletivos de produção do saber, tal como proposto em Breilh, J- 2000.

Deixamos de fora dessa seleção relatos que apontavam problemas pertinentes, porém mais localizados em determinadas atividades em Comunicação e Saúde na Fiocruz. Esses extenso trabalho de campo não utilizado nessa dissertação poderá ser analisado futuramente. Procuramos também indicar, nas recomendações abaixo, proposições que nos pareceram requisitos importantes para a construção de diretrizes que embasassem políticas dinamizadoras do desenvolvimento institucional da Fiocruz.

A primeira questão que julgamos relevante enfrentar diz respeito à atuação fragmentada e muitas vezes superposta dos SCIF. A origem desses setores orientada pela demanda e sua tradicional localização institucional como atividades “meio” ou de apoio gerou diversos obstáculos ao seu desenvolvimento e a sua integração com os eixos finalísticos que motivaram o surgimento e o crescimento da Fiocruz. Diversos problemas são decorrentes desse processo: a ausência de visibilidade de suas atividades, intermitência de recursos materiais e financeiros, rotatividade de profissionais, muitas vezes especializados, precariedade dos vínculos de trabalho, ausência de programas de capacitação, entre outros. Essas restrições foram mapeadas ao longo da investigação desenvolvida nessa dissertação, bem como, no intercâmbio informal com os profissionais e gestores dos SCIF durante a busca de soluções para os problemas em comum.

Recomendamos duas diferentes propostas de atuação, visando superar tanto a questão de gestão interna dos SCIF como a maior transparência e disponibilização dos seus serviços para os usuários.

A primeira estratégia consiste em estimular o realinhamento dos SCIF na direção de uma cultura de projeto. Esse processo permitiria inventariar e organizar as demandas feitas, planejando-as com mais antecedência e identificando com clareza cronogramas de execução. Reduziria também o stress profissional e o índice de retrabalho das atividades de criação, melhorando os resultados tanto para os profissionais quanto para os usuários. Permitiria por fim, economia de custos com materiais de consumo, bem como contratos com melhor escala e custo-benefício junto a fornecedores terceirizados de serviços gráficos, bureaus, e laboratórios fotográficos, além de uma contratação mais racional de eventuais prestadores de serviços audiovisuais. A isonomia de saberes, decorrente de um processo horizontal de formulação dos produtos e serviços solicitados, reduziria também o estranhamento entre os campos da pesquisa, do ensino e da comunicação em saúde. É importante deixar claro que esse processo de estruturação por projeto não visa eliminar demandas múltiplas e pontuais, e sim reorganiza-las de forma a produzir melhores resultados com menos desgaste para todos os envolvidos.

A segunda estratégia objetivaria organizar as informações fundamentais sobre os SCIF, evidenciando para os usuários suas missões, localização física e institucional, escopo de atividades e mecanismos e prazos para solicitação de serviços. Essa matriz de habilidades e serviços seria consolidada em diversos “Guias de Usuários”, majoritariamente virtuais. Esse processo deve contemplar critérios relativos às trajetórias de construção das propostas, bem como, estruturar espaços de interação, que favoreçam a humanização e o reconhecimento mútuo. O locus preferencial dessa divulgação seria o projeto Portal Fiocruz, originado na Vice-Presidência de Desenvolvimento Institucional, Informação e Comunicação, e em fase de desenvolvimento, no Centro de Informação Científica e Tecnológica (CICT), unidade da Fiocruz. O projeto Portal Fiocruz é a mais ambiciosa proposta em desenvolvimento na instituição, objetivando a gestão do conhecimento.

A segunda questão a ser enfrentada diz respeito à formulação de uma política para atualização tecnológica dos SCIF. Praticamente todas as atividades desenvolvidas dependem das novas TIC, geradas em países centrais, de alto custo de aquisição e manutenção, por serem indexadas ao dólar americano e influenciadas por acordos internacionais relativos a licenciamentos e royalties. Além disso, a política industrial da obsolescência planejada desenha diferentes ciclos de vida para as várias plataformas tecnológicas, descontinuando séries inteiras de processos e equipamentos.

A crescente tensão entre gestão de recursos escassos e acelerada necessidade de incorporação tecnológica deveria ser, ao nosso ver, enfrentada de duas formas.

A primeira estratégia consistiria em estabelecer um Grupo de Trabalho para Avaliação de Tecnologias para Comunicação em Saúde, no âmbito da Sub-Câmara de Comunicação, vinculada à Câmara Técnica de Informação, Comunicação e Informática da Vice-Presidência de Desenvolvimento Institucional, Informação e Comunicação. Esse grupo de trabalho priorizaria o estudo de tendências tecnológicas e avaliação de plataformas existentes, com ênfase na sua versatilidade e longevidade. Procuraria identificar também, a partir de uma análise de custos, a escala e escopo dos equipamentos e licenciamentos necessários, dimensionando-os para aquisição individualizada pelos SCIF, em condomínio para toda Fiocruz ou orientando a busca de parcerias, preferencialmente entre instituições públicas de ensino, pesquisa e serviços (parcerias público-público), para tecnologias e serviços de custo proibitivo para a instituição.

A segunda estratégia diz respeito a um programa de capacitação continuada para tecnologias essenciais à instituição. A ênfase central seria na formação de desenvolvedores de softwares, preferencialmente livres e com códigos abertos, visando a substituição gradual de softwares proprietários de uso mais comum e/ou de custos de aquisição mais altos. O lócus para essa discussão, avaliação e seleção de prioridades seria a Sub-Câmara de Informática, vinculada à Câmara Técnica de Informação, Comunicação e Informática da Vice-Presidência de Desenvolvimento Institucional, Informação e Comunicação. Esse programa de capacitação orientaria também, quando o retorno econômico justificasse essa opção, a formação de profissionais dos setores de manutenção ótico, eletrônico e mecânico da Diretoria de Administração do Campus (DIRAC). Esse processo seria estimulado pelo aumento da interface com a Câmara Técnica de Manutenção, conduzida pela DIRAC.

A terceira questão a ser enfrentada diz respeito ao desconhecimento sobre as especificidades e expectativas dos diversos públicos demandantes e principalmente usuários dos serviços e produtos dos SCIF. Conforme podemos observar ao longo dessa dissertação, a ausência de estudos de recepção e produção de sentidos ao mesmo tempo que reforça uma prática condutista e transmissional da Comunicação em Saúde, amplia a ineficiência de propostas para a melhoria das condições de saúde da população, favorecendo o desperdício dos recursos públicos, tempo e esforços investidos.

Sugerimos, dentro de uma lógica de integração e isonomia de saberes entre Ciência e setores da sociedade civil, abertura de linhas de pesquisa que contemplem estudos de recepção e produção de sentidos a partir da variedade de produtos impressos e audiovisuais, analógicos e digitais produzidos pelos SCIF. Essas linhas de pesquisa seriam formuladas a partir de uma planejada integração de atividades entre a Câmara Técnica de Pesquisa e a Câmara Técnica de Informação, Comunicação e Informática da Fiocruz, tendo como ponto de partida estudos avulsos já desenvolvidos por pesquisadores de diversas unidades da instituição. Acreditamos que desta forma seria gerada uma forte contribuição para análise da produção dos sentidos das próprias atividades dos SCIF, bem como uma maior integração institucional entre os campos, os tempos e os movimentos dos mundos da Pesquisa e da Comunicação em Saúde.

A última questão a ser enfrentada diz respeito à necessidade de conhecer, organizar, armazenar e disponibilizar o grande volume de imagens estáticas e em movimento produzidas ao longo dos 104 anos de história da Fundação Oswaldo Cruz. A dispersão desse material tem gerado grandes dificuldades para sua reutilização. Essa limitação vem atingindo tanto a rotina dos serviços dos SCIF como as demandas para suas diversas aplicações nos campos da Pesquisa e Ensino, em particular em projetos de educação a longa distância. O potencial de elaboração de novas linguagens e sintaxes audiovisuais, mais próximas dos sub-universos de sentido de diferentes grupos populacionais da sociedade brasileira, assim como as características de navegabilidade e usabilidade das mídias digitais têm sinalizado a crescente necessidade do uso de imagens.

Como principal produto tecnológico associado a essa dissertação sugerimos a modelagem, construção e implementação de um Banco de Imagens na Área da Saúde. Esse projeto seria desenvolvido como parte integrante do projeto Portal Fiocruz, visando a alimentá-lo e dinamizá-lo. Alinharemos na próxima seção os principais requerimentos necessários à implementação deste produto tecnológico.

Condições para a futura implementação de um Banco de Imagens na Área de Saúde como produto associado à dissertação:

- a) Aprofundar a geração de conhecimentos necessários à construção de um banco de imagens na área de saúde e de uma estação gráfica de tratamento de imagens e sua respectiva avaliação como produto tecnológico em comunicação e saúde. Este produto poderá futuramente demonstrar seu potencial de replicação para o

SUS, além de assegurar mecanismos de sustentabilidade tecnológica e econômico-financeira;

- b) Reconhecimento, enquanto prioridade institucional para Fiocruz, das graves questões apontadas na presente dissertação e do produto tecnológico a ser desenvolvido. Essa prioridade se materializaria: pela liberação de um quadro de profissionais da instituição em relação a outros compromissos institucionais; pelo acesso amplo a informações disponíveis nas diversas unidades da Fiocruz, bem como, pelo fornecimento de meios materiais mínimos para implementação do produto piloto;
- c) Receber adequada sustentação e orientação da Gestec/Fiocruz no que concerne à utilização autoral e institucional do produto tecnológico gerado, bem como orientações relativas ao seu patenteamento e aos dispositivos legais correlatos.

Levantamentos realizados pelo o autor, ao longo do processo de trabalho no SDE/ENSP apontam para três grandes questões, que são eixos de estruturação do produto piloto:

- 1) Avaliação, seleção e construção de uma metodologia de remissão para imagens, que permita acessá-las segundo múltiplas referências, buscando contemplar todos os elementos visuais contidos;
- 2) Estruturação de uma base digital de armazenamento, ampla e segura que permita acesso seletivo, rápido e remoto desses arquivos de imagens;
- 3) Construção de um modelo de negócios, respeitando a legislação nacional e internacional relativa a direitos autorais, de uso de imagem e conexos, que contemple a diversidade de usos institucionais e comerciais decorrentes de um projeto dessa complexidade.

Palavras Finais

Para Breilh (2000) desde a década de 90 se escutam chamados para refletir sobre este paradoxo: quanto mais se aceleram os ritmos da informação, mais se empobrece o conhecimento integral e se rompe o pensamento crítico. Para ele, a “descomunitarização do saber”, a ruptura e obscurecimento do processo de construção coletiva da memória,

de cenários onde havia tempo e contexto para pensar em profundidade sobre o humano, bem como, sobre a informação a que temos acesso para nos mobilizarmos solidariamente em resposta ao que sabemos e necessitamos, preocupa não somente aos epistemólogos, mas também aos pedagogos que vêem a necessidade de uma desaceleração dos centros educativos e entidades acadêmicas, e de uma organização distinta do modo de construir e de utilizar a informação. O esvaziamento da velocidade de ruptura de formas coletivas de produzir saber e a deteriorização de uma militância cidadã são diretamente proporcionais ao aumento da informação.

Com o presente estudo, partilhamos das apreensões do autor quando sinaliza a urgência de resistirmos, desencadeando movimentos de investigação e ensaios de linhas alternativas no sentido de refazer a lógica do processo de informação, impregnando-o de vida real, de conteúdos e processos, que expressem a necessidade democraticamente definida de geração multicultural da imagem e das necessidades dela decorrentes.

Finalmente, ressaltamos com Breilh o fato de ser igualmente importante uma ativação do conhecimento crítico ante a informação, o que é factível quando os ritmos e cenários do processo informativo tornem possível pensar, questionar e atuar com autonomia.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, I. 1998 Prática Comunicativa e Prática Educativa no Campo da Saúde. Seminário Ações Interinstitucionais e Multidisciplinares na Área de Saúde Pública.

BARDIN, L. 1979 Análise de conteúdo. Lisboa. Edições 70. 1979.

BOURDIEU, P. 1974 Condições de classe e posição de classe. Economia das Trocas Simbólicas. Ed. Perspectiva. São Paulo. 1974.

BREILH, J. 2000 Derrota Del conocimiento por la informacion: uma reflexión necesaria para pensar el el desarrollo humano Y la calidad de vida desde una perspectiva emancipadora. *Ciência e Saúde Coletiva*, 5(1): 99-114.

CARDOSO, JM. 1999 Comunicação e Saúde: notas sobre a trajetória histórica e tendências atuais.

CICT/FIOCRUZ, 1997 Relatório Final da Oficina de Trabalho de Comunicação do CICT/Fiocruz.

DEMO, P. 1985 Introdução à Metodologia da Ciência. São Paulo. Ed. Atlas. 1985.

FIOCRUZ, 2001 Plano Quadrienal da Fiocruz – 2001/2004.

FIOCRUZ, 2000 Relatório Final do I Seminário Nacional de Informação.

KAHN, RL & CANNELL, CF. 1962 The Dynamics of Interviewing: Theory, Technique and Cases. N. York. John Wiley. 1962.

MACHADO, CJS. 2003 Tecnologia, meio ambiente e sociedade: uma introdução aos modelos teóricos. Rio de Janeiro: E – Papers Serviços Editoriais, 2003.

MAFFESOLI, M. 1990 El tiempo de las tribus. Barcelona, Icaria, 1990.

MARRAMAO, G. 1989 “Más allá de los esquemas binarios acción/sistema y comunicación/estrategia”. Razón, ética y política, Barcelona, Anthropos, 1989.

MARTÍN-BARBERO, J. 1991 América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em Comunicação Social – Seminário “Sujeito, o lado oculto do receptor”.

MINAYO, MCS. 1998 O desafio do conhecimento – Pesquisa qualitativa em Saúde – Hucitec – Abrasco – São Paulo – Rio de Janeiro 1998.

MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2001 Relatório Final da XI Conferência Nacional de Saúde, Brasília.

MORAGAS, M. 1985 “Transformación Tecnológica y tipología de los medios”. Sociología de la comunicación de masas, vol. IV, Barcelona, Gustavo Gili, 1985.

NETO, A.F. 1995 Percepções acerca dos campos da saúde e da comunicação In: PITTA, A.M.R. Saúde e Comunicação. Visibilidades e Silêncios Hucitec-Abrasco.

ORLANDI, E.P. A Linguagem e seu funcionamento. As formas do discurso. Campinas. Ed. Pontes. 1987.

PAULINO, RAF. 2001 *Comunicação e Trabalho*. Estudo de Recepção: o mundo do trabalho como mediação da comunicação. São Paulo: Anita Garibaldi.

PITTA, A.M.R. 1995 Interrogando os campos da saúde e da comunicação: notas para o debate In: Pitta, A.M.R. Saúde e Comunicação. Visibilidades e Silêncios Hucitec-Abrasco.

RICHERI, G. 1989 “Crisis de la sociedad y crisis de la televisión” *Contratexto*, nº 4, Lima, 1989.

ROZEMBERG, B. 1994 Representação Social de Eventos Somáticos Ligados à Esquistossomose. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 10(1):30-46.

ROZEMBERG, B. 1995. A Intransparência da Comunicação: Crítica teórico-metodológica sobre a interação entre o saber e as práticas médicas e a experiência de populações de áreas endêmicas de esquistossomose. Tese de Doutorado. Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, 265pp.

ROZEMBERG, B. & MANDERSON, L. “Nerves” and Tranquilliser Use in Rural Brazil. *International Journal of Health Services*, 28(1): 165-181. 1998.

ROZEMBERG, B.- Saneamento Rural em Áreas Endêmicas de Esquistossomose: Experiência e Aprendizagem. *Ciência & Saúde Coletiva*, 3(2): 125-141, 1998.

ROZEMBERG, B. Participação Comunitária em Programas de Promoção em Saúde: Elementos para uma Avaliação Crítica de Metas e Pressupostos. In Saúde e Ambiente Sustentável: Estreitando Nós, Minayo, M.C.S & Miranda, A. C (orgs) Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 2002.

ROZEMBERG, B., SILVA, A. P. P., VASCONCELLOS-SILVA, P. R. Impressos Hospitalares e a Dinâmica de Construção de seus Sentidos: o Ponto de Vista dos Profissionais de Saúde. *Cadernos de Saúde Pública*. Rio de Janeiro,18(6): 1685 - 1694, 2002.

SOUZA, K. R., ROZEMBERG, B., SANTOS, A. K., YASUDA, N., SHARAPIN, M. O Desenvolvimento Compartilhado de Impressos como Estratégia de Educação em Saúde junto a Trabalhadores de Escolas da Rede Pública do Estado do Rio de Janeiro. *Cadernos de Saúde Pública*. Rio de Janeiro,v.19, n.2, p.495 - 504, 2003.

STOTZ, E.N. 1993 Enfoques sobre educação e saúde. In: Valla,V.V. & Stotz E.N. (orgs.) *Participação popular, Educação e Saúde: Teoria e Prática*. Ed. Relume Dumará,. 11-22p.

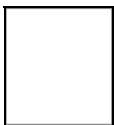
TRIVIÑOS, ANS. 1987 Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação/Augusto Nivaldo Silva Triviños. – São Paulo: Atlas, 1987.

VALLA,V.V. & HOLANDA, E. 1998 Sobre Participação Popular: uma questão de perspectiva. *Cadernos de Saúde Pública*. Rio de Janeiro: 14 (Sup.2): 7-18.

VASCONCELLOS-SILVA, P.R; URIBE RIVERA, F.J. ROZEMBERG, B Próteses de Comunicação e Alinhamento Comportamental em impressos hospitalares. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo v.37, n.4, 2003.

WOLF, M. 1988 “Indagine su alcune regoli di genere televisivo”. *Richerche sulla Comunicazione*, nº 2/3, Milão 1988.

Anexo 1



FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ – FIOCRUZ
Escola Nacional de Saúde Pública
Comitê de Ética em Pesquisa da ENSP

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado para participar da pesquisa **Contribuição à reordenação do uso social do conhecimento científico e tecnológico gerado pela Fundação Oswaldo Cruz: o discurso social da imagem na comunicação em saúde**. Você foi selecionado **por sua atuação no campo da comunicação em saúde por imagens** e sua participação não é obrigatória. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição.

Os objetivos deste estudo são **avaliação e descrição das capacidades instaladas no campo da comunicação em saúde por imagens das várias unidades da Fiocruz, visando identificar matriz de operação formada por habilidades constituídas em relação a produtos e processos.**

Sua participação nesta pesquisa consistirá em **uma entrevista e respostas a um questionário áudio-visual semi-estruturado.**

Os riscos relacionados com sua participação são **inexistentes.**

Os benefícios relacionados com a sua participação são **integrar uma rede de sistemas e equipamentos no campo da comunicação em saúde por imagens, bem como, acessar, mediante requisitos pré-definidos, um banco de imagens na área de saúde.**

As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação.

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Alvaro Funcia Lemme
Rua Leopoldo Bulhões, 1480 – Térreo
Telefones: 2598-2512/2510/9858-4987

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Sujeito da pesquisa

Anexo 2

Roteiro da entrevista realizada

1. O seu trabalho se inicia a partir da organização de uma demanda externa ou existe autonomia para gerar pautas?
2. Quem são os principais usuários do seus serviços e dos produtos gerados? (Mas pesquisadores de onde? Tem algum setor em particular?)
3. O que eles esperam quando demandam imagens para o trabalho? (Mas por que? Como assim? O que você quer dizer com isso?)
4. Qual a demanda por utilização de imagens na geração de suas atividades ou serviços? (Qual a quantidade e a frequência dos serviços?)
5. Qual o nível de acesso tecnológico (equipamentos e mídias) do seus principais usuários?

6. Que modificações, em relação à compreensão e à utilização dos conhecimentos gerados, você vem observando? Em outras palavras, ao incorporar tecnologia quais os ganhos obtidos?
7. O acesso a estes recursos modificou suas práticas comunicativas?
8. Como se dá o processo de busca dos produtos desenvolvidos em seu setor?
9. Quais são as circunstâncias de uso mais freqüentes de seus produtos ou serviços? Ou seja, você sabe o que acontece com a utilização do produto solicitado? (Em sua opinião, por que isso acontece?) Isso caracteriza um Marketing Institucional?
10. Você poderia relatar algum episódio que demonstre a tensão entre os campos simbólicos do usuário e do profissional na seleção de imagens?
11. Que questões você considera críticas no desenvolvimento do seu trabalho? (Críticas e sugestões).